

UM OLHAR A PARTIR DAS ENTRANHAS DA COLEÇÃO BAHIANAS: Características de uma produção científica feminista situada na Bahia*

Aldevina Maria dos Santos**

Introdução

O objeto deste estudo é a Coleção Bahianas. Lançada em 1997 está, desde sua gestação, inserida neste campo de conhecimento sobre mulheres, gênero e feminismos na Bahia¹. Trata-se de uma publicação científica, idealizada e mantida sob a responsabilidade do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), que compõe a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia² (FFCH/UFBA). A proposta do artigo é caracterizar a Coletânea e analisar a relação da mesma com a criação e consolidação do campo.

No primeiro volume consta que o compromisso da Coletânea é “divulgar nossa reflexão crítica sobre o feminismo e privilegiar [...] as baianas enquanto objeto e sujeito de estudos e como produtoras de conhecimento”³ (COSTA, ALVES, 1997, p.9). Parto do entendimento de que esta publicação, situada na Bahia, compõe as produções científicas sobre mulher/es, gênero e feminismos - das últimas décadas do século XX e início do século XXI - no Brasil, com destaque para a Bahia e o Nordeste e Norte, na América Latina e no Mundo Ocidental.

Este é um estudo exploratório, que encontra seus aportes na tradição dos estudos das teorias feministas e

das críticas feministas à ciência. Entre os aportes dessas epistemologias, destaca-se a Teoria do Ponto de Vista⁴ (*Standpoint Theory*), que utilizarei para analisar a Coleção Bahianas.

A teoria do ponto de vista defende que os saberes são localizados e o privilégio da perspectiva é parcial, já que “os sistemas de explicação refletem o lugar de onde se conhece”, segundo Silva (1998, p.12). Donna Haraway (1995), ao considerar que todos os pontos de vista são parciais, propõe a coexistência com outros pontos de vistas. Para este feminismo, o único modo de obter uma visão ampla é o reconhecimento de que se está posicionado em algum lugar em particular. Neste sentido, a objetividade como racionalidade posicionada é uma das contribuições dos feminismos à ciência (Haraway, 1995).

A *Standpoint Theory* propõe considerar que a posição dominante dos homens na vida social se traduz em produção de um conhecimento parcial e distorcido da realidade, no contexto do privilégio epistemológico conferido aos mesmos. A situação das mulheres que, até há pouco, estavam excluídas como sujeitos epistemológicos, é diferente. A posicionalidade e o reconhecimento de que o conhecimento de uma realidade se dá a partir de diferentes pontos de vista lhes conferem uma visão menos distorcida quando conquistam o espaço de produtoras de conhecimento científico. Esta é uma situação privilegiada, segundo Haraway (1995), e se traduz em uma *objetividade forte*, diferente da objetividade clássica da ciência positiva.

A opção de estudar a Coleção Bahianas está relacionada com as características, as repercussões desta publicação e com a contribuição dos estudos feministas às diversas áreas, inclusive nos estudos sobre a ciência. No entanto, também considera a importância que os movimentos feministas e de mulheres adquiriram a partir do século XX no ocidente. Este caminho está ancorado na longa tradição desta produção que se fez a partir das diversidades e dos percursos específicos de um movimento social

* Texto apresentado como Trabalho Final da Disciplina BIOA006 – GÊNERO NAS CIÊNCIAS, ministrada pela profa. Ângela Maria Freire de Lima e Souza

** Doutoranda do PPGNEIM. Graduada em Enfermagem (UCG), Especialista em Saúde Pública (FIOCRUZ/ UFG), Mestra em Educação

¹ O recorte que fiz não situou os contextos e as diversas vertentes dos movimentos feministas, salvo quando estritamente necessário.

² No início o Núcleo fez parte do Curso de Mestrado em Ciências Sociais da UFBA, posteriormente, se desligou deste. Em 1995, tornou-se um órgão suplementar dessa Universidade. Segundo Vanin (2010) e Sardenberg (2015), o NEIM almeja tornar-se um Instituto.

³ Esse aspecto da Coleção foi apresentado por Passos (1997 p.6), ocasião na qual destacou na contra capa daquele número, e reafirmado em vários outros volumes e por diferentes organizadoras da Coleção.

⁴ Sobre as epistemologias feministas ver Fausto-Sterling (2001/02); Gergen (1993); Harding (1993); Amoros, (1985); Anzaldúa (2000); Bartra (1998); Brah (2006); Bordo (2000); Keller (2006); Löwy (2000); Mohanty (2008); Mohanty (1997); Jaggar e Bordo (1997); Santos (1995); Schiebinger (2001); Serdeño (2000). Sobre a teoria do Ponto de Vista ver: Haraway (1995), Hartsock (1987) e Harding (1996, 2007, 2004).

localizado na Bahia. Este é o contexto, marcado pela militância, no qual o NEIM e a Coleção Bahianas da UFBA se inserem.

Em consonância com a Teoria do Ponto de Vista, considero necessário registrar minha posicionalidade como autora e apontar alguns elementos sobre as organizadoras da Coleção Bahianas. Neste artigo, as apresentações são consideradas como porta-vozes da Coletânea, por isso é recomendável informar que a maioria das organizadoras são as autoras que mais publicaram na Coletânea, elas são do NEIM e muitas são construtoras desse projeto na UFBA. Meu interesse em investigar os feminismos acadêmicos e, particularmente, a produção das pesquisadoras do NEIM publicadas na Coleção Bahianas, se justifica pelos motivos já citados, ao mesmo tempo, é um exercício que contribui para a compreensão de minha militância e atuação profissional.

Nesse sentido, situo o meu lugar de fala, já que sou admiradora das ideias, propostas e das realizações das professoras e pesquisadoras do NEIM. Meu lugar de fala se refere ao fato de eu ser aluna da disciplina “Gênero nas Ciências”⁵ e do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Pensar sobre a Coleção Bahianas me aproxima do trabalho que desenvolvi no Programa Interdisciplinar da Mulher – Estudos e Pesquisas (PIMEP), integrado à extensão da Pontifícia Universidade Católica de Goiás⁶.

A delimitação temporal, de 1997 a 2014, se refere ao período de publicação dos dezesseis (16) volumes das Bahianas. Para sistematizar o processo para coleta de dados e informações foram construídos instrumentos como fichas e roteiros, que resultaram em quadros para cada um dos itens estudados.

Este processo de coleta foi prioritariamente realizado nas entranhas dos volumes da Coleção Bahianas, ainda

que, também foram consultadas informações do site do NEIM e de outras publicações científicas. A sistematização destas/es possibilitaram a construção de uma versão sobre a história da Coleção e do NEIM, a caracterização da Coletânea e a classificação dos artigos.

As apresentações da/s organizadora/s de cada volume foram utilizadas como fonte principal para compor as histórias institucionais e análises. As páginas iniciais e finais da Coleção subsidiaram a descrição e as características da publicação. Neste sentido, em cada um dos volumes, foram identificadas as organizadoras, as entidades responsáveis, os apoios e as parcerias para a publicação. Deste local saíram, também, as informações sobre a editoração, a periodicidade, a tiragem, as páginas, as palavras que compõem a ficha catalográfica e as/os artistas que fizeram a capa de cada volume.

Do sumário e dos artigos foram registrados os tipos de publicações (artigo, tese, pesquisa), a quantidade de artigos e as autorias dos mesmos. Constam, ainda, informações relativas à quantidade de publicação de cada autora e à organização dos volumes na Coleção Bahianas, os títulos e subtítulos de cada volume. Nos títulos da Coletânea e dos artigos identifiquei a presença das seguintes palavras: Bahia, Norte e Nordeste, mulher/es, gênero, feminismos, interdisciplinaridade, geração, raça e classe social.

A Coleção Bahianas também forneceu os dados sobre a autoria⁷, tais como o sexo, a formação e vínculos profissionais e geográficos das/os mesmas/os, e dessas com o NEIM. No entanto, estes dados específicos disponíveis na Coletânea não se referem a todas/os as/os autoras/es e estão incompletos. Além de não contemplarem todas/os as/os autoras/es, algumas pessoas apresentam alguns dos itens citados, outras ,nenhum deles. Mesmo assim, extraí os dados

⁵ A disciplina Gênero na Ciência, compõe o PPGNEIM, sob a regência da professora dra. Ângela Maria Freire de Lima e Souza e, particularmente neste semestre, contou com a contribuição da Dra. Lindamir Salet Casagrande, como parte de seu programa de pós-doutorado.

⁶ Em 1992, eu fiz parte da equipe fundadora do Programa Interdisciplinar da Mulher – Estudos e Pesquisas (PIMEP), vinculado a extensão da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. A época, eu atuava ali como professora da enfermagem, com fortes vínculos com a extensão. Ali trabalhei e militei, com poucos períodos de interrupção, no PIMEP de sua fundação até 2012.

⁷ Nos números iniciais da Coleção as informações sobre as/os autoras/es constam em curta nota de rodapé. Depois apareceram nas páginas finais da publicação, em sessão específica com denominações variadas. Se consolidou com a expressão “Quem é quem”, como título para estas informações. Apesar disso e do mesmo formato, o conteúdo destas se mostraram bastante diversos, desde o tamanho, os aspectos abordados entre os volumes e as informações específicas sobre as/os autores. Para este artigo, usei os dados disponíveis na Coleção Bahianas, ou seja, não complementei a informação com outras fontes, como o Currículo Lattes.

quantitativos e os utilizei considerando como um bom indicativo da situação.

A classificação dos artigos desta Coleção buscou identificar as áreas de conhecimento. Quanto ao conteúdo e à indexação temática do material, o processo classificatório foi realizado em duas etapas incluindo todos os artigos. As referências para as classificações também foram diferenciadas. A primeira foi elaborada a partir da CAPES. A segunda seguiu o vocabulário controlado do “Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres”, da Fundação Carlos Chagas. A seguir fiz uma discussão inicial sobre os estudos de gênero e ciência, a partir da proposta de Ângela Maria Freire de Lima e Souza (2011, p.17).

Quanto à estrutura do artigo, a apresentação da Coleção Bahianas exigiu um relato sobre o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM). As informações sobre a Coletânea indicaram o significado da mesma para o referido núcleo. Além de ser uma “cria”, desempenha um papel estratégico nos projetos do Núcleo, principalmente na consolidação da produção científica feminista na Bahia. A Coletânea revela os resultados do trabalho e percursos do NEIM e deste campo dos estudos no Estado.

O foi organizado em quatro partes. A primeira se refere a uma breve versão da trajetória do NEIM, e a segunda, da Coleção Bahianas. A terceira buscou situar a Coleção Bahianas no contexto das publicações científicas brasileiras. A quarta trata de um olhar a partir dos dados e informações das entranhas da Coletânea. Nessa identifiquei a série, as autora/es e os artigos com o objetivo de caracterizá-la. Finalizo com breves considerações sobre os resultados do trabalho, dos percursos trilhados e algumas sugestões de estudo. Espero que esta análise possa contribuir para com a continuidade e fortalecimento da Coleção Bahianas.

Neim nas páginas da Coleção Bahianas - Feminismos e Ciências na Bahia

O NEIM é a fonte principal de artigos para a Coleção Bahianas. Esta publicação é resultado do trabalho da equipe do NEIM/UFBA. Este Núcleo, criado em 1983, incorpora em seu cotidiano ações de ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de um dos primeiros núcleos instalados em Universidades no Brasil. De acordo com

Costa; Sardenberg (2002), desde a sua criação funcionou ininterruptamente.

Articular, disseminar e incentivar a produção e divulgação do saber científico nas perspectivas feministas na Bahia é um dos objetivos do NEIM, segundo Costa; Sardenberg (2002) e Vanin (2010). Neste sentido, a equipe do núcleo trilhou um caminho de buscar novos parâmetros teóricos metodológicos, novas categorias que não reeditassem o patriarcado (Costa, 2011).

Na Bahia, o sonho feminista de adentrar os espaços da academia e fazer uma ciência e história que registrassem o protagonismo, os olhares e interesses das mulheres foi acalentado junto a outras feministas brasileiras⁸ e ocidentais. A trajetória do NEIM é fruto deste sonho e compõe o esforço das mulheres que fizeram esta construção e, também, da estratégia dos movimentos feministas em ocupar espaços na sociedade - nas academias, nos sindicatos, partidos e órgãos governamentais (FERREIRA, ALVES e COSTA, 2008).

Neste sentido, a origem dos olhares feministas adotado pelo NEIM se relaciona ao fato da maioria de suas fundadoras⁹ serem integrantes do Grupo Feminista Autônomo Brasil Mulher. Segundo Costa (2009), elas trouxeram para a academia sua práxis e compromissos feministas. Esta práxis é um dos resultados da experiência acumulada pelo feminismo baiano e brasileiro¹⁰. Os vínculos do NEIM com os movimentos

⁸ O contexto em que se deu os esforços dos movimentos feministas e de mulheres em ocupar espaços nas universidades brasileiras nos anos 1980 é diferente daquele de dez anos depois. Na década de 1990, inúmeros núcleos e similares foram criados nas universidades, a categoria de gênero foi incorporada. Se, por um lado, esses caminhos e conquistas foram e são festejados, considerados como ocupação de espaços e de possibilidades de ampliação das lutas e mudanças, por outro, os questionamentos são vários nos ambientes científicos e nestes movimentos.

⁹ Sardenberg (2015) relata que Ana Alice Alcântara Costa propôs a criação de um núcleo de estudos sobre a mulher na Bahia em 1983, após voltar de um Encontro de Feministas no Rio de Janeiro. A proposta recebeu a adesão de Alda Brito da Motta, Cecília Sardenberg, Maria Amélia Almeida, Maria Luiza Belloni e Maria Lygia Quartim de Moraes. Juntas, participaram do empreendimento com entusiasmo, da gestação e nascimento do NEIM. Ana Alice A. Costa (2009) descreveu sobre a participação e influência do Grupo Feminista Autônomo Brasil Mulher na criação e na trajetória do NEIM.

¹⁰ Esta práxis foi acumulada pelo feminismo brasileiro, inclusive durante a resistência à ditadura militar no Brasil, momento histórico de grande aprendizado feminista, devido ao contexto que possibilitou uma grande articulação com outros movimentos sociais

sociais, particularmente os movimentos feministas e de mulheres, compõem os elementos desta herança. Neste sentido, a equipe do NEIM construiu seus objetivos e práxis científica a partir de seu compromisso com os feminismos, com as teorias feministas e com a transformação social. Assim, essas heranças permeiam a produção científica da Coleção Bahianas.

De acordo com Ferreira; Alves; Costa (2008), o núcleo continua renovando esta relação, registrando sua presença nos meios científicos e feministas locais, nacional e internacional. A relação das pesquisadoras com os movimentos sociais, originada nos meios feministas, compõe a prática científica do NEIM, portanto está inserida na UFBA, e se faz presente na Coletânea.

Para o NEIM, a Coleção Bahianas é um projeto idealizado e desenvolvido, entre as inúmeras atividades de cunho acadêmico, prático e político, criadas e executadas. Os projetos deste Núcleo se espalham em atividades de extensão, graduação e pós-graduação *Lato Sensu*¹¹ (especialização) e *Stricto Sensu*¹² (NEIM, 2014). Destaco na área da graduação, o curso de Bacharelado Gênero e Diversidade¹³, e o PGNEIM¹⁴.

(Costa, 1998, 2002, 2005, 2009; Costa; Brandão, 2000; Costa, Sardenberg, 1994; Sardenberg, 1994a, 1994b.; Sardenberg e Costa, 1993; Aldeman e Rial, 2013; Alvarez, 2009; Sardenberg e Costa, 1993; Schmidt, 2004; Schmidt, 2002)

¹¹ Segundo Ferreira, Alves e Costa (2008), ao longo dos anos, alguns cursos de especialização do NEIM, “sucumbiram, outras resistiram”. Entre os cursos oferecidos, registro: o Curso de Especialização em Mulher, Gênero e Desenvolvimento Regional com concentração em políticas públicas e o Curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Gênero e Outros Temas Transversais (NEIM, 2014).

¹² Antes do PPGNEIM, a equipe do NEIM, formada em diferentes áreas do conhecimento, ofereceu disciplinas no campo dos estudos sobre mulheres, gênero e feminismos em vários programas de pós-graduação *stricto sensu* na UFBA, Universidade Federal de Sergipe, Universidade Estadual de Feira de Santana e Universidade Estadual do Sudeste (Ilhéus). (FERREIRA; ALVES; COSTA, 2008; NEIM, 2014). Muitas destas atividades continuaram após a criação do PPGNEIM. Sobre o Programa ver o *site* www.neim.ufba.br.

¹³ O Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade atende “[...] uma demanda crescente por profissionais capazes de formular, acompanhar e monitorar projetos e ações de materialização de direitos, imbuídos de uma perspectiva crítica de gênero e diversidade, ou seja, em suas interfaces com raça/etnia, idade/geração, sexualidade/orientação sexual etc.” (NEIM, 2014, s/p.). Sobre o curso, ver Bonneti (2012) e o *site* www.neim.ufba.br.

¹⁴ A proposta do PPGNEIM, segundo Costa (2011, p.8) foi aprovada em 2005, no ano seguinte as/os alunas/os ingressaram neste Doutorado e no Mestrado. O corpo docente do PPGNEIM é permanente, oriundo do NEIM, da UFBA. Esta equipe conta com a

Estes são os primeiros cursos com estes formatos e temas, no Brasil e na América Latina (FERREIRA, ALVES e COSTA, 2008; COSTA, 2011).

O processo de consolidação do campo tem sido marcado por diferentes perspectivas disciplinares em dinâmicas multidisciplinares (Costa, 2011). Esta diversidade presente na produção acadêmica do PPGNEIM, também norteia o NEIM e a Coleção Bahianas.

O Bacharelado institucionalizou os estudos feministas na graduação e o PPGNEIM fez o mesmo com a pós-graduação *stricto sensu* na UFBA. Registro que o curso de graduação, assim como os de extensão e especialização, pouco foi citado nos volumes da Coletânea, apesar de seu significado político e importância social. Ao contrário, do PPGNEIM, que impacta bastante a difusão do conhecimento na Coleção, tanto pelo número de produtos originários de dissertações e teses dos Cursos de Mestrado e do Doutorado deste Programa quanto pela repercussão dos mesmos na apresentação de diversos volumes.

A interdisciplinaridade e a diversidade teórico-metodológica marcam os variados projetos do NEIM. Assim, a Coleção Bahianas, o Bacharelado, o PPGNEIM e a formação de pessoas para trabalhar nas políticas públicas dirigidas as mulheres (público prioritário dos cursos) são herdeiros das diversidades das perspectivas disciplinares norteadoras do NEIM. Este aspecto tem importância na proposta e práxis do Programa e da Coletânea. Organizadoras de vários volumes abordaram esta questão.

No âmbito do NEIM, as feministas desenvolvem uma práxis carregada de aspectos locais em sintonia com os debates que aconteciam nos movimentos e neste campo da produção de conhecimentos no Brasil e no mundo. As reflexões e as obras acadêmicas resultantes deste processo enriquecem a herança dos movimentos feministas e a própria ciência. Assim, a Coleção Bahianas, para cumprir seu desiderato, recebe de herança uma produção em diálogo, mas situada na Bahia e, a partir das teorias feministas e da produção neste Estado.

Segundo Costa e Sardenberg (2002:14), o NEIM é reconhecido pelo seu compromisso na “luta em defesa

colaboração de professoras convidadas, segundo Ferreira; Alves; Costa (2008).

dos direitos da mulher e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária”. Em especial, este reconhecimento está associado à qualidade de sua produção científica, da formação de novas pesquisadoras e profissionais de diferentes áreas de atuação na área das políticas públicas, do ensino, entre outras. Ferreira, Alves e Costa (2008) assinalam o reconhecimento do NEIM pela comunidade acadêmica da UFBA. As demandas ao NEIM pelos movimentos de mulheres/feministas e de outras Instituições de Ensino no Estado, no Nordeste e Norte brasileiro, assim como as homenagens¹⁵ e apoios recebidos indicam o reconhecimento da qualidade do trabalho e de sua inserção social.

O compromisso do NEIM com as perspectivas feministas foi explicitado na Coleção Bahianas de forma recorrente, do primeiro ao último volume. Costa (2011) se refere à práxis feminista, e ressalta as necessidades e as propostas do Núcleo de “consolidar os estudos feministas na Bahia” e “investigar, criar caminhos novos capazes de romper com categorias universais da ciência androcêntrica” (Costa, 2011:8).

A formação de recursos humanos e a institucionalização do campo de estudo sobre mulheres, gênero e feminismos na UFBA, segundo Ferreira, Alves e Costa (2008), foram compromissos assumidos pelas criadoras do NEIM. Huguette Dagenais (1994) analisou como a falta de institucionalização deste campo dificulta a vida acadêmica de pesquisadoras/es e alunas/os. Albertina O. Costa (2004) se refere a este aspecto, ao refletir sobre a situação das publicações feministas na academia brasileira, identificou a pequena capacidade institucional como um dos entraves que dificulta a manutenção das mesmas.

As marcas do NEIM decorrem de sua autodeclaração como feminista, de seu espaço de atuação e criação delimitado em Salvador e na Bahia, de sua ação contínua, interdisciplinar e multidisciplinar e, por fim, de sua institucionalização. Neste sentido, concordo com Costa (2011), quando afirma que muitos destes aspectos o diferencia de outros núcleos instalados nas universidades brasileiras e determinam características e dinâmicas específicas do NEIM, tanto em sua práxis

acadêmica quanto junto aos movimentos de mulheres e feministas.

Conhecimento sobre e das mulheres na Coleção Bahianas – uma publicação feminista na UFBA

A Coleção Bahianas incorpora os pressupostos, objetivos e práxis do NEIM. Segundo Costa; Pinheiro (2013, p. 619), a Coleção é “editada sobre os cânones da liturgia acadêmica”. Publicada ao longo dos anos 1997 a 2014, esta série se encontra disponível em duas versões, uma impressa e outra acessível *on-line*¹⁶. Ela tem o propósito de, segundo Costa e Alves (1997), de divulgar reflexões críticas sobre a condição feminina, os feminismos, as mulheres e as relações de gênero na Bahia; publicar estudos que resgatam a “memória feminina” e a inserção de mulheres nas “diversas manifestações culturais”.

Mais que comunicar os conhecimentos nas perspectivas feministas e dos movimentos feministas e de mulheres, produzidos na Bahia, esta coletânea pretende incentivar a produção de saberes científicos neste campo de estudos no Estado (COSTA, SARDENBERG, 2002; VANIN, 2010; COSTA, 2009).

De acordo com Bonneti; Lima e Souza (2011), os artigos da Coleção Bahianas apresentam uma vasta gama de temas geradores de debates no interior do pensamento feminista contemporâneo. Cada volume da Coleção Bahianas segue uma dinâmica própria, ao mesmo tempo, em que mantém os objetivos da Coleção (Costa, 2011). A série documenta “tópicos e questões” relatados e analisados em seminários, encontros e pesquisas promovidos pelo Núcleo (BRITTO DA MOTTA; SARDENBERG; GOMES, 2000:10-11).

A maioria, 12 volumes, apresenta artigos resultantes de diferentes estudos produzidos, pesquisas, dissertações e teses em sua maior parte desenvolvidas por alunas/os e professoras do NEIM e do PPGNEIM e por pesquisadoras/es de outras instituições da Bahia. Muitos foram apresentados nos Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre a Mulher e Relações de Gênero promovidos pelo NEIM. Exceto os volumes 2

¹⁵ Homenagens e reconhecimento público do Legislativo, Executivo, movimentos sociais e imprensa ao próprio NEIM e ao seu corpo docente.

¹⁶ Todos os números estão acessíveis em: <http://www.neim.ufba.br/wp/>. Exceto o número 16, lançado no final do ano de 2014. Ainda não estava disponível na internet quando o artigo foi encerrado.

e 4 da Coleção Bahianas, que contém teses de professoras vinculadas do NEIM, e os volumes 9 e 15 que foram resultados de uma única pesquisa, ainda que essas resultassem em quatro e sete artigos, respectivamente.

Em 2008, os textos produzidos a partir das dissertações defendidas no PPGNEIM pela primeira turma foram publicados na Coleção Bahianas, *Construindo interdisciplinaridades: Estudos de Gênero na Bahia*. Uma segunda coletânea apresentou parte da produção resultante do processo de formação/produção de conhecimento do Programa. Além destes números específicos, professoras/es e alunas/es do Programa publicam em diferentes números da Coleção Bahianas. Costa e Sardenberg (2002:15) falam que esta publicação seria uma forma de “prestação de contas sobre o que fazemos e como fazemos”. Ferreira, Alves, Costa (2008) registram tratar-se de “prática acadêmica militante em prol da transformação da condição de vida das mulheres e das relações de gênero”. Esta perspectiva, também abordada por outras organizadoras da Coleção, evidencia um dos pressupostos do conhecimento científico feminista, que é a crítica à neutralidade e à objetividade científica.

A Coleção Bahianas representa, segundo as organizadoras do primeiro número Costa e Alves (1997, p.10), “a consagração de um longo trabalho de construção de conhecimento [...]”. As páginas da Coleção revelam muitos aspectos da trajetória do NEIM. Preconceitos sexistas se fazem presentes na Universidade, registra Costa (2011), e o NEIM tem estratégias, propostas e ações para romper com este modelo.

Os impactos deste enfrentamento são resultados de um difícil cotidiano para construir um processo de outras institucionalidades, práticas inovadoras e percursos incentivadores de permutas de informações, de olhares, de recortes analíticos e metodológicos, de modo que, as distintas abordagens disciplinares reciprocamente se cruzem no fazer científico, na divulgação das novas formulações e contribuições (Costa, 2011) para a sociedade, especialmente os movimentos de mulheres e feministas.

Neste sentido, vale destacar a certeza das organizadoras da Coleção de que se trata de uma história que o NEIM e a Coleção Bahianas ajudam a construir: “um saber construído sobre e para as

mulheres, um caminho possível para tirá-las da invisibilidade, dar-lhes um lugar visível e valorizado enquanto cidadãs, de trazê-las para a história”. (Ferreira, Alves, Costa, 2008, p.9).

Às vésperas de completar duas décadas de existência, com a confiança de quem sabe de sua contribuição à ciência e aos movimentos feministas, apesar das dificuldades, as páginas da Coleção Bahianas revelam suas próprias transformações, uma versão sobre a trajetória de construção de conhecimento feminista no NEIM, no PPGNEIM e no território baiano, em diálogo com “as perspectivas de análise construídas e/ou re(construídas) no Brasil, em diferentes momentos históricos”, conforme afirmaram Costa e Sardenberg (2002, p.8).

Com estas heranças, o NEIM, no âmbito da UFBA, desenvolve uma práxis carregada de aspectos locais em sintonia com os debates que aconteciam nos movimentos e no campo da produção de conhecimento feministas no Brasil e no mundo. A Coleção Bahianas, reitero, é herdeira desta trajetória do NEIM, possuindo a mais longa trajetória de publicação contínua, entre as publicações do Núcleo (COSTA; PINHEIRO, 2013).

Coleção Bahianas nos contextos das publicações científicas

Os programas de estudos de mulheres, criados nas universidades, possibilitaram que as publicações acadêmicas feministas adentrassem o ambiente universitário. Esses periódicos seguem as regras estabelecidas pela tradição acadêmica. Essas publicações são feministas porque se declaram manifestamente feministas¹⁷. O público inclui universitárias/os e pessoas dos movimentos feministas (NAVARRO, 2004).

A Coleção Bahianas é, assim, um periódico acadêmico que se auto define como feminista e está vinculada ao NEIM e à UFBA. Seu público prioritário é o acadêmico, no entanto, acolhe os interesses dos movimentos de mulheres e feministas. Neste sentido, a Coletânea publicou 15 artigos específicos com essas temáticas.

¹⁷ Segundo Navarro (2004), esse desiderato feminista é anunciado no editorial do primeiro número da revista e confirmado nos artigos. Esta definição provém de um trabalho de Patrice McDermott (1994). Portanto, esta definição tem sua origem na academia e nos movimentos feministas dos Estados Unidos.

A criação deste periódico na Bahia se deu num contexto feminista marcado pela ampliação de núcleos de estudos sobre mulheres e gênero nas Universidades e de ampliação dos periódicos acadêmicos neste campo de conhecimentos no Brasil. Na década de 1990, as políticas relativas à ciência, tecnologia e pós-graduação mobilizaram esforços no sentido de aumentar a capacidade científica do país. Neste sentido, as diretrizes e instrumentos que pautaram a CAPES de 1996 a 2004 permaneceram nos Planos Nacional de Pós Graduação (PNPG) de 2005 a 2010 e no de 2011 a 2020¹⁸. Vale ressaltar que tem se ampliado a efetivação das propostas de expansão do sistema, de mudanças no processo de avaliação, de inserção internacional da pós-graduação e, entre outros, das estratégias para equacionar os problemas das assimetrias regionais (BRASIL, 2010) que incidem diretamente na criação e manutenção das publicações acadêmicas, inclusive as feministas e/ou de gênero.

O Plano Nacional de Pós Graduação (2011 e 2020) propõe apoiar e valorizar os periódicos nacionais de qualidade, garantir a continuidade do Portal de Periódicos e aumentar novos acessos, e estimular a realização das avaliações acadêmicas periódicas (BRASIL, 2010). A construção desta política se deu em sintonia com os processos e modelos internacionais. A CAPES, o CNPQ e o FINEP programaram estes novos parâmetros de avaliação dos cursos e periódicos. As revistas são fundamentais nestes modelos de indicadores de avaliação de desempenho. A produção científica é aferida pela publicação de artigos em periódicos de circulação internacional indexados. Assim, o reconhecimento científico conferido as/aos autoras/es dependem das publicações em revistas (LOPES; PISCITELLI, 2004). De forma geral, os periódicos disciplinares e especializados são valorizados na práxis científicas hegemônicas e neste modelo de avaliação de desempenho da ciência. As dificuldades de publicações interdisciplinares são muitas. No próprio Plano Nacional de Pós-Graduação (2011 a 2020) as revistas hiper-especializadas e que veiculam uma produção acadêmica disciplinar foram abordadas como

problema, pelo não reconhecimento de conhecimentos inter(multi) disciplinar (BRASIL, 2010).

As pesquisadoras do campo mulheres, gênero e feminismos participam do debate sobre Ciência e Tecnologia no Brasil e sobre as Políticas para as Mulheres. Entre as iniciativas destas pesquisadoras se encontram demandas ao Estado, no sentido de incorporar ações relacionadas às mulheres e à ciência. Neste sentido, consta uma série de ações previstas nos Planos Nacional de Políticas para as Mulheres. A Secretaria de Políticas de Mulheres tem sido impulsionada a buscar fazer diagnósticos sobre a situação deste campo de conhecimento e desenvolvido ações para promover a participação das mulheres no campo das ciências e carreiras acadêmicas. Algumas destas ações¹⁹ são realizadas em parceria com os núcleos das universidades e as publicações feministas. Estas pesquisadoras contribuem com análises críticas sobre as políticas (ou a falta de), as diretrizes e as ações de órgãos governamentais, como a CAPES, o CNPq, a FINEP, a Secretaria de Políticas de Mulheres, entre outros.

Neste contexto, as feministas acadêmicas assumiram caminhos e estratégias diferenciadas, o que é uma característica dos pensamentos e das práticas destes movimentos e, de forma geral, contribuem para o fortalecimento do campo. Algumas feministas envolvidas com a produção sistemática de conhecimento optaram por criar periódicos, como a Revista Estudos Feministas²⁰ (1992), os Cadernos PAGU²¹ (1993), a Revista Gênero²² (1999), a Revista

¹⁹Um exemplo é a publicação do livro *Pioneiras da Ciência no Brasil*, a primeira edição foi lançada em 2006 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e apresentou algumas precursoras nas ciências que atuaram nas décadas de 30 e 40. A terceira edição, resultado da parceria da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM) com o CNPq destacou pesquisadoras com atuação relevante em diversas áreas do conhecimento e contribuíram para a formação das suas áreas e desenvolvimento da ciência (BRASIL, 2015).

²⁰ A Revista Estudos Feministas é um periódico indexado, interdisciplinar, de circulação nacional e internacional. O primeiro exemplar foi publicado em 1992. Em 1999 foi criado o site da revista. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>

²¹ As publicações do Núcleo são compostas pelos cadernos PAGU lançada em 1993, que divulga resultados inéditos de pesquisas realizadas no Brasil e no exterior; Coleção Encontros a qual publica resultados de eventos nacionais e internacionais organizados pelo Núcleo. Além disso, compõem o quadro de publicações a Coleção

¹⁸ O Plano 2011-2020 se propôs considerar o legado dos planos anteriores.

Ártemis²³ (2004), a Labrys: Estudos Feministas²⁴ (2002), o Caderno Espaço Feminino²⁵, a Revista Gênero na Amazônia²⁶, entre outras. A Coleção Bahianas, conforme já informado, foi criada em 1997 e compõe esse conjunto de periódicos acadêmicos feministas. Até 2014, ela foi a principal porta voz do NEIM na academia, de acordo com Costa e Pinheiro (2013). Naquele ano, 17 anos após o lançamento da Coletânea, o NEIM lançou a Revista Feminismos.

Um caminho diferente, ao menos em dois aspectos, foi percorrido pelas fundadoras da Coleção Bahianas. Primeiro, optaram por criar uma Coleção e não uma revista. Ainda que, neste campo de estudos, outras Coleções surgiram à época, como a Coleção

Encontros²⁷ e a Gênero & Feminismos, lançadas pela Núcleo PAGU, um coletivos que já possuía uma revista (os cadernos PAGU). No entanto, os modelos e as prioridades são parcialmente diferentes das Bahianas, já que, segundo Costa e Alves (1997, p.9), a Coletânea é “um veículo de divulgação da nossa reflexão crítica sobre o feminismo, a mulher e as relações de gênero na Bahia”. Nossa porque as pesquisadoras optaram por privilegiar as mulheres *baianas* em seus estudos, mesmo naquele contexto.

Esta escolha por criar uma Coleção aos moldes da Bahianas²⁸ - com uma opção de inserção prioritária local, com poucas participações nacional e internacional, que tem a consolidação de campo de conhecimento mulheres, gênero e feminismos na Bahia como prioridade – está aparentemente fora da rota. Até por ela se localizar fora do eixo sudeste-sul considerado como produtor e divulgador de ciência no país. Mesmo que os periódicos acadêmicos situados fora dos países considerados desenvolvidos assumem uma posição desvantajosa na estratificação científica internacional (LOPES e PISCITELLI, 2004).

Sem querer fazer apologia às margens, mas reconhecendo que as publicações nacionais e locais pouco são reconhecidos pelos cientistas do norte do planeta e que, as publicações acadêmicas feministas e de gênero se situam distantes do centro da produção de conhecimento e também estão submetidas a pressões, a “dificuldades, contradições, limitações” (LOPES e PISCITELLI, 2004, p.118).

Pensar sobre a Coleção Bahianas, suas experiências feministas e crítica à ciência dominante, inserida na Bahia, traz contribuições ao campo específico e à ciência. As organizadoras da Coletânea têm feito este esforço de reflexão e contribuído com interessantes perspectivas. Neste sentido, descrevem este fazer científico, situado, prenhe de heranças, que questiona seus próprios referenciais, em diálogo com outros

Gênero e Feminismos que em parceria com a Editora da Unicamp traz traduções de livros e pesquisas importantes no campo de estudos de gênero.

²² Gênero é um periódico de circulação nacional vinculado ao Programa de Estudos Pós Graduados em Política Social da Universidade Federal Fluminense. Criado nos anos de 2000, esteve vinculado ao Núcleo Transdisciplinar de Estudos da Mulher (NUTEM) e, posteriormente, ao Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero (NUTEG). A revista aceita originais em português e em espanhol.

²³ Ártemis é um periódico semestral, interdisciplinar e tem a missão de divulgação da produção científica no campo dos estudos de gênero, feminismos e sexualidades dentro da perspectiva interdisciplinar, aborda fenômenos socioculturais a partir de análises históricas, literárias, culturais, psicológicas, etc. Os objetivos são: contribuir para a construção de novas abordagens teóricas e metodológicas de investigação e reflexão; e, difundir artigos nacionais e internacionais, pesquisas originais, resenhas e traduções. A Revista Ártemis é um periódico semestral, interdisciplinar, vinculada aos Programas de Pós-graduação em Sociologia e Programa de Pós Graduação em Letras da UFPB. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis>.

²⁴ Labrys, études féministes/estudos feministas é uma revista multidisciplinar, internacional, bilíngue, gratuita, *on-line*. Surgiu em 2002, com o objetivo de engendrar o debate, de divulgar o conhecimento produzido pelas mulheres, de expor a condição feita às mulheres no mundo por um patriarcado sempre ativo, de ajudar a transformação da realidade, em um feminismo sempre alerta.

²⁵ O Caderno Espaço Feminino é uma publicação do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher, do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

²⁶ A Revista Gênero na Amazônia, busca romper com as dificuldades regionais em torno da área editorial, divulgar estudos interdisciplinares sobre mulheres e gênero, com o compromisso de manter a interlocução com as autoras e autores das demais regiões que tratam do tema, socializando os saberes e práticas das mulheres desses espaços, fomentando mais esta estratégia de disseminação de estudos em suas diferentes manifestações e enfoques teórico-metodológicos, numa perspectiva inter e multidisciplinar. GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes Sobre Mulher e Gênero - UFPA/IFCH- Belém/PA.

²⁷Seis números foram publicados Gênero & Cidadania, nas seguintes datas: 2002, 2005, 2006, 2006, 2008 e 2011. PAGU, em colaboração com a Editora da Unicamp, criou a coleção Gênero & Feminismos que contém a tradução de livros que marcaram o campo de estudos de gênero, resultados de pesquisas produzidas no PAGU e teses de doutorado elaboradas no marco das discussões de gênero e feminismo.

²⁸ Ainda que muitos programas de pós-graduação no país tenham publicações locais, a opção de criar a Coleção Bahianas situada localmente apresentam características próprias.

saberes acadêmicos e com os movimentos feministas e de mulheres. Trata-se de fazer uma ciência feminista, interdisciplinar, para fortalecer um conhecimento comprometido com transformações da sociedade, no sentido de incluir as mulheres de diferentes classes, raças/etnias, gerações, regiões entre outras.

O feminismo acadêmico praticado no NEIM e divulgado na Coleção Bahianas, deixa como herança sua contribuição para este campo de conhecimento na Bahia. Segundo Bonneti; Lima e Souza (2011, p.8), no Estado o processo de consolidação dos estudos feministas perpassa a trajetória do NEIM da UFBA, “do empenho militante e da ação coletiva de suas integrantes”, inclusive na Coleção Bahianas. Este vínculo também foi analisado por Costa (2011).

Schmidt (2004), ao analisar a Revista Estudos Feministas questiona sobre o que é o feminismo no contexto de uma publicação acadêmica feminista, ou seja, de tornar público, a partir deste ponto de vista, os conhecimentos produzidos segundo os parâmetros acadêmicos. Estes estudos, com suas lentes analíticas do gênero, analisam os fundamentos e práticas da ciência moderna e das teorias do conhecimento. A crítica feminista à ciência e o debate em torno das epistemologias feministas tem sido feita nas diferentes tradições disciplinares²⁹ (Sardenberg, 2014).

Os olhares sobre as publicações da Coleção Bahianas e outros periódicos se situam nesta diversidade. O campo de conhecimentos sobre mulheres, gênero e feminismos se constitui como um amplo e complexo espaço de produção de conhecimento apresenta diversas faces em contextos de diferentes práticas militantes e de reflexões teóricas, exige uma abordagem interdisciplinar.

Vale lembrar que as últimas décadas no Brasil foi marcada pelo alargamento do campo, segundo Schmidt (2004). Na mesma direção, Schiebinger (2001) registrou mudanças nos EUA: mulheres ocupam direção de agências governamentais e postos acadêmicos; fazem monitoramento da situação das mulheres nas ciências; cientistas (primatologistas, biólogas/os e arqueólogas/os) abandonam em seus estudos os estereótipos de sexo; leis federais exigem

inclusão de mulheres em testes para novos medicamentos.

Este alargamento é visível também no Brasil e também na Bahia. A instalação das linhas de pesquisa em programas de pós-graduação pelo país, a indexação de periódicos especializados nestes estudos, a aprovação do curso de Bacharelado Gênero e Diversidade e dos cursos de mestrados e doutorado do PPGNEIM/NEIM/UFBA são bons exemplos desta ampliação. Albertina O. Costa (2004) destaca alguns marcos, ainda nos anos 1980, que contribuíram com este processo de legitimação do campo.

Neste sentido Londa Schiebinger (2001) pergunta se o *feminismo mudou a ciência?* Se estes exemplos e posicionamentos apontam conquistas, outras estudiosas situam dificuldades a serem suplantadas. Lima e Souza (2011, p.18) avalia que no campo dos Estudos Feministas no Brasil, ainda perdura o não “reconhecimento da legitimidade no próprio ambiente de trabalho” e nos “organismos de fomento à investigação científica e tecnológica”. A participação das mulheres na produção científica e a incorporação dos estudos de gênero e o impacto que estas exercem na ciência ainda necessitam de avaliação (YANOULAS e LIMA e SOUZA, 2010).

Maffia (2002) adverte que ainda é importante tornar visível a situação das mulheres nas ciências e tecnologia. A situação e as subjetividades das mulheres na ciência são analisadas por Lima (2002, p.61) para explicar os impedimentos culturais e psíquicos das mulheres de avançar em suas carreiras acadêmicas. Harding (1996) defende que é preciso fazer a passagem dos estudos sob a situação das mulheres na ciência à questão da ciência no feminismo. Bandeira (2008) aborda a contribuição da crítica feminista à ciência brasileira e Sardenberg (2002) analisa a construção de uma ciência feminista em suas diferentes trajetórias e pergunta: quem vai ler esta produção situada na periferia da periferia?

Lima e Souza (2011, p.18) destaca que as dificuldades e as lutas “se refletem nas publicações especializadas em divulgação científica”, posição compartilhada por Belini (2004). Ela parte do entendimento de que a lógica que direciona a organização dos campos de conhecimento afeta as publicações acadêmicas. Ao pensar sobre estes desafios, Lopes e Piscitelli (2004, p.120) trazem à discussão as “tensões e pressões”

²⁹ Entre as epistemólogas feministas, Sardenberg (2014) cita as empiricistas, pós-modernas, perspectivistas, as afrocêntricas, as descolonialistas (as latino-americanas e as translocais) e as Queer e Trans.

políticas e teóricas, às quais os periódicos situados às “margens” estão submetidos. Neste sentido, Beleli (2013) identifica a persistência das dificuldades de admissão dos periódicos feministas em alguns sistemas de indexação.

Nesta trilha, Lopes (2006) aborda a necessidade de incorporar as perspectivas de gênero nas análises de política científica e de questionar os quadros teórico-conceituais, alicerces dos indicadores tradicionais de ciência e tecnologia no país. Os estudos para avaliar os processos de produção, difusão e uso dos conhecimentos científicos, de acordo com Melo e Oliveira (2006), não tem sido sensível à temática de gênero.

As questões abordadas tem mobilizado o protagonismo coletivo das emergentes publicações sobre mulheres, gênero e feminismos, entre elas, a Coleção Bahianas se situa neste contexto. Minella, Grossi, Ramos, Losso (2004) descreveram e analisaram uma trajetória de alguns esforços de organização, trocas de experiências, reflexões e articulações para o fortalecimento destas publicações no campo. Neste estudo, as autoras refletem sobre o I e II Encontro Brasileiro de Publicações Feministas e o I Encontro Internacional de Publicações Feministas, realizados em Florianópolis em 2002 e 2003³⁰. A Fundação Carlos Chagas, segundo Albertina O. Costa (2004) e Miriam Grossi (2004), organizou eventos semelhantes, em décadas anteriores.

Os periódicos feministas são uma expressão das militâncias feministas e dos fazeres científicos (MELO, 2013), e também, são beneficiários deste acúmulo. Neste sentido, as reflexões e as obras acadêmicas resultantes deste processo enriquecem a herança dos movimentos feministas e da própria ciência. A trajetória da Coleção Bahianas se entrecruzou com as diversas faces, das relações e dos contextos das publicações acadêmicas feministas na Bahia e no Brasil, trânsito que, ao mesmo tempo, contribuiu para sua práxis e ao próprio campo de

conhecimento no qual se filia. Se as revistas acadêmicas feministas, como diz Navarro (2004), foram e são imprescindíveis para os estudos de mulheres e para várias disciplinas, esta Coletânea parece ser fundamental para o NEIM e para os estudos do campo de conhecimento mulheres, gênero e feminismos na Bahia.

Um olhar a partir das entranhas da Coleção Bahianas: dados e informações

SOBRE A PUBLICAÇÃO

No período de 1997 a 2014 foram publicados 192 artigos, distribuídos em 16 volumes da Coleção Bahianas. Trata-se de 190 artigos e duas teses completas³¹ (cada publicada em um volume). A quantidade de artigos em cada exemplar variou bastante, de um a 23. A média de artigos em cada volume da Coleção Bahianas foi de 12. Vale considerar que entre os volumes com menor o número de artigos estão as duas teses (2 e 4), contadas como um artigo e as duas pesquisas³² (9 e 15).

Os artigos são resultados de pesquisas independentes ou institucionais. Independente, aqui entendido, quando o artigo resulta de uma publicação da dissertação ou tese (ou parte da mesma), ou de aluna/s e/ou professora/s que faz/em um estudo e publica/m o artigo. Institucional, no sentido de compor, por exemplo, um projeto de alguma instituição como o NEIM³³, ou de um curso.

De forma geral os volumes apresentaram artigos resultantes de vários estudos independentes. Conforme disse anteriormente, um volume, particularmente, apresentou as dissertações da primeira turma do PPGNEIM. Outro volume, apresentou os trabalhos apresentados no X Encontro da Rede Feminista e Norte

³⁰ O dossiê da Revista Estudos Feministas de 2003, número especial e a Revista Estudos Feministas, Vol. 12, ano 2004, Número Especial - Publicações Feministas. Essas publicações contam com dezenas de artigos e são bons registros dos eventos e reflexão sobre os temas e suas diferentes faces, ver também: Beleli, Lopes, Piscitelli (2004), Blay (2010), Cardoso (2004), Citeli (2000), Costa CI(2003), Melo, Lastres, Marwues (2004); Minella (2013).

³¹ Neste estudo, cada tese foi considerada como um único artigo, ainda que tenham vários capítulos. Vale lembrar que a autoria é solitária.

³² O número 9 é uma pesquisa sobre trabalhadoras metalúrgicas. Os textos foram elaborados em forma de uma introdução, quatro artigos e as “considerações finais”. Neste estudo foi considerado os artigos. Na Coleção Bahianas de número 15, trata-se de uma pesquisa sobre o Curso de Enfermagem e o saber feminista. Nestes casos, as introduções e considerações finais não foram computadas.

³³ Um exemplo é a participação do NEIM em um programa internacional de pesquisa, a exemplo do Pathways of Women’s Empowerment (NEIM, 2014).

e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, em Salvador.

Muitos volumes foram organizados a partir do Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre a Mulher e Relações de Gênero promovidos pelo NEIM, conforme já informado. Estes têm como um dos objetivos avaliar o estado da arte no âmbito estadual e estreitar os laços entre este núcleo e pesquisadoras/es das universidades e outras profissionais atuantes no Estado da Bahia (FERREIRA; ALVES; COSTA, 2008).

UM RETRATO INICIAL DA COLEÇÃO BAHIANAS

Os artigos são afiliados às diferentes áreas do conhecimento, com um predomínio das áreas do Colégio das Humanidades. No Colégio de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar se destaca a grande área Multidisciplinar, e no Colégio de Ciências da Vida, a grande área das Ciências da Saúde

Ao analisar a sistematização realizada pelas organizadoras e as explicações na apresentação da Coleção Bahianas, os artigos e o ordenamento de cada um na publicação, as fichas catalográficas e os títulos dos artigos e dos volumes, revela-se uma coleção em que a diversidade temática, as diferentes abordagens e áreas do conhecimento permitem a difusão de temas e críticas feministas e a ampliação das áreas de saberes envolvidas. De acordo com Britto da Motta; Azevedo; Gomes (2005), a publicação mostra a densidade dos textos que refletem a atual amplitude de interesses e possibilidades da pesquisa³⁴ na Bahia.

Os artigos da Coleção Bahianas se detêm em análises sobre as representações de mulheres na cultura, detalham sua atuação na literatura, na pintura e em músicas, filmes, seriados, propagandas e *sitcoms*. As/os autoras/es estudam intervenções na sociedade e analisam as relações de gênero. Nestes, detalham a transversalização em enfoques de gênero³⁵ na saúde e

na educação das mulheres, nas violências contra as mulheres e nas mulheres no campo e meio ambiente.

Os textos publicados também incidem sobre as mulheres na cultura política, as mulheres no mundo do trabalho e nos sindicatos e, em vários movimentos sociais, inclusive os movimentos de mulheres, os feministas e, particularmente os feminismos acadêmicos. Várias temáticas foram abordadas em estudos históricos, com retratos e/ou análises do cotidiano baiano em períodos e espaços distintos, já que as publicações da Coleção Bahianas não possuem uma baliza temporal específica (Sardenberg, Vanin, Aras, 2001). As/os autoras/es têm delineado com afinco o acervo histórico nesta coleção, com importantes resultados no processo de fazer gênero na historiografia baiana.

QUADRO 1 – TÍTULO DOS ARTIGOS E ANO DE PUBLICAÇÃO DE CADA NÚMERO DA COLEÇÃO BAHIANAS (CB) - ANO 1997 a 2014

No. CB	ANO	TÍTULO DA COLEÇÃO BAHIANAS (CB)
1	1997	Ritos, Mitos e Fatos: Mulher e Gênero na Bahia.
2	1998	As Donas no Poder: Mulher e Política na Bahia, Salvador (tese).
3	1998	Metamorfoses: Gênero na perspectiva interdisciplinar.
4	1999	Palcos e Plateias - As representações de gênero na Faculdade de Filosofia (tese).
5	2000	Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Parte I - Dialogando com Simone. Parte I – Outras falas
6	2001	Fazendo gênero na historiografia baiana.
7	2002	Imagens da mulher na cultura contemporânea
8	2002	Feminismo, Ciência e Tecnologia. Parte I – Refletindo sobre Feminismo(s), Ciência(s) e Tecnologia(s). Parte II – Trabalhando com a perspectiva de Gênero.
9	2004	A face feminina do complexo metalomecânico: mulheres metalúrgicas no Norte e Nordeste
10	2005	Reparando a falta: Dinâmica de gênero em perspectiva geracional.
11	2008	Construindo interdisciplinaridades: Estudo de Gênero na Bahia ³⁶
12	2010	Travessias de gênero na perspectiva feminista.
13	2011	Estudos de Gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano.
14	2011	Gênero, mulheres e feminismos. Parte I – Pensando a teoria. Parte II – Tratando de Interseccionalidades. Parte III – Da ação política. Parte IV – Analisando as representações.
15	2012	O pensamento feminista e os estudos de gênero: experiências na Escola de Enfermagem da UFBA.
16	2014	Mulheres e movimentos: estudos interdisciplinares de gênero

Fonte: Coleção Bahianas disponível no site do NEIM/UFBA

³⁴ Ainda que as autoras citadas estivessem se referindo ao gênero e gerações esta frase se adequa a todos os números da coleção.

³⁵ Aqui, as expressões *gender mainstreaming* ou *transversalização de gênero* se referem a um processo de avaliação das implicações para homens e para mulheres, em qualquer ação planejada - legislação, políticas e programas - em todas as áreas e níveis, de acordo com o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ONU, 1997).

³⁶ As autoras dos volumes 11 e 12 da coleção no sumário não colocaram os subtítulos nas partes. As autoras os descreveram na apresentação: Volume 11: Parte I – Gênero, identidade e cultura; Parte II – Trabalho e relações assimétricas de Gênero. Como as relações de Gênero passam o Poder. Volume 12: Parte I – Análises e intervenções na sociedade. Parte II – Gênero e geração. Parte III – Representações simbólicas e cultural.

Outra face da Coleção Bahianas são os estudos sobre mulheres, gênero e feminismos na ciência (teorias e crítica feministas) e nas novas tecnologias. Ainda que essa temática esteja explícita nos volumes oito e 14, em outros não são reconhecidos como estudos relacionados à ciência. O volume quatro, trata da análise da participação das mulheres na Faculdade de Filosofia na UFBA, tema abordado na chamada crítica à ciência. Assim como a abordagem feminista no Curso de Enfermagem da mesma Universidade, no volume 15, é também um tema relacionado à produção científica. Em ambos não é explicitado que se trata de uma produção sobre ciência.

A interdisciplinaridade é outra face presente na Coletânea. Esta é uma diretriz do NEIM incorporada na publicação, como já citado anteriormente. A palavra consta nos títulos dos volumes 3, 11, 13 e 16, e apareceu apenas uma vez na ficha catalográfica e outra no título dos artigos. As organizadoras dos volumes utilizaram mais vezes este termo nos títulos e subtítulos da Coleção Bahianas. A falta de olhares interdisciplinares na construção científica é criticada pelas organizadoras e elas fazem visíveis esforços de romper com esta ausência.

O fazer científico publicado na Coleção Bahianas aborda as várias dimensões de desigualdades sociais. Estas compõem um retrato da publicação - exposto no quadro I, na ficha catalográfica e nos títulos dos artigos - que é permeada por estudos sobre as desigualdades de gênero, étnicas (e raciais), de classe e geração, entre outras. Na ficha catalográfica, se destacou³⁷ a incidência do termo condições sociais (7). Nos nomes de artigos, classe social apareceu nove vezes e raça/etnia constou cinco, ainda que estes termos não aparecessem grafados nos títulos da Coleção Bahianas. No corpo dos artigos e das apresentações das organizadoras estas e outras dimensões das desigualdades se mostram com mais ênfase e são associadas aos estudos sobre mulheres, feminismo e gênero.

Neste campo de conhecimento, a categoria gênero é reconhecida como uma dimensão específica das desigualdades sociais, que se articula com outras

dimensões, fundamentalmente com as étnicas (e raciais) e as de classe (DE BARBIERI, 1998). A coletânea contribui especificamente com a dimensão geracional, pois geração³⁸ apareceu 23 vezes nos nomes dos artigos e apenas uma vez nos títulos da Coleção Bahianas. Nas fichas catalográficas foram grafadas as palavras envelhecimento (2), gerações (1), idade (1), idosos (1). Comparando com os títulos dos artigos, as referências geracionais que constam nas fichas catalográficas não fazem jus à quantidade de abordagens presentes na Coletânea. Situação bem diferente se apresentou com os termos mulher, mulheres, gênero e feminismos.

A produção científica feminista em suas diversas vertentes usou estes termos. Este uso caracterizou tipos de estudo, que aconteceram em períodos históricos específicos na região latino-americana e da própria produção, e tiveram alcances distintos e corresponderam a momentos diferentes da investigação (De Barbieri, 1998). No entanto, na Coleção Bahianas, ainda que seja possível identificar estas marcas, as palavras são também usadas de forma simultânea, como aparece nos títulos dos volumes 1, 12, 14, 15, e 16. E também se apresentam como objeto de investigação e compondo este campo de conhecimento e a diversidade que é característica desta publicação.

Segundo De Barbieri (1998), os estudos sobre a *mulher*, no singular, foram a primeira formulação centrada na caracterização da população feminina. O termo *mulheres*, no plural, apareceu quando a investigação se deu conta de que as condições da vida das mulheres eram muito diferentes em um mesmo espaço e tempo. Os estudos sobre as mulheres se centram na comparação entre as condições de mulheres e de varões e no interior do conjunto das mulheres. Os *estudos de gênero* enfatizam os aspectos específicos de construção social e seu caráter relacional. No entanto, muitos usos desta categoria têm sido criticados pelas próprias feministas (SARDENBERG, 2014). Os *estudos feministas* põem ênfase na vontade política que subjaz as análises das anteriores, para a superação das desigualdades em razão dos gêneros (DE BARBIERI, 1998).

³⁷ Condições Sociais foi citada ao lado de outras palavras, como trabalho (5), metalúrgica (1), identidade (2), papel social (2) e movimentos sociais (2).

³⁸ Além de geração considerei terceira idade, idosa(s), PVC, velhice e juventude. Vale registrar que no Volume 8 apareceu “geração de renda” e não foi considerado pois não foi usado como a categoria geração.

Nas coleções Bahianas essas variações também são identificadas. A trajetória percorrida pelo NEIM acompanhou essas mudanças. No título do NEIM - Núcleo de Estudos e Investigação da Mulher - definido no início dos anos 1983, e naquele momento histórico, o termo Mulher foi usado, acompanhando a produção feminista no Brasil. Já no PPGNEIM os termos que constam no título do Programa de Pós Graduação são outros: Gênero, Mulheres e Feminismos, mesmo título do volume oito da Coleção Bahianas.

Este conjunto de palavras apareceram com a mesma ênfase nos títulos dos artigos e nos títulos da Coleção Bahianas. O termo gênero (42) apareceu o maior número de vezes nos títulos dos artigos e da Coletânea (12). A palavra mulheres foi grafada 38 e 4 vezes, respectivamente. Mulher no singular apareceu 28 e 2 vezes, e feminismos³⁹ constou com 27 indicações nos títulos dos artigos e quatro nas denominações dos volumes.

A FICHA CATALOGRÁFICA

Entre as palavras das fichas catalográficas dos volumes este grupo de palavras apareceu com maior frequência. Diferente do resultado dos títulos, o termo mulher no singular (10) foi o que apareceu em maior número, seguido por gênero (9), mulheres (7) e feminismos (7). Essas duas últimas palavras apareceram com maior presença até a Coleção Bahianas, volume nove (2004). A importância da classificação catalográfica em uma produção científica não se limita a uma forma de organizar a produção científica. Estas palavras orientam as buscas em bibliotecas, sistemas de busca *on-line* e outros aportes, para que o acesso ao material se torne possível as/os pesquisadoras/es e estudantes. Numa coletânea feminista - caracterizada como interdisciplinar, com sua produção construída a partir de diferentes áreas do conhecimento e variados recortes epistemológicos e metodológicos - esta classificação se torna mais complexa pois ela é erigida a partir da crítica à ciência hegemônica. Como a Coleção Bahianas é composta por artigos que não são acompanhados de resumos e/ou palavras chaves, a importância da ficha catalográfica é maior.

³⁹ Para coleta foram consideradas as palavras Feminismo e feminista, no singular e plural.

Neste sentido, temas como a produção de ciência feminista foi abordado em diferentes artigos da Coletânea, no entanto, apareceram pouco nas palavras da ficha catalográfica. Os termos, crítica epistemológica feminista (1), ciência (1), tecnologia (1), estudos feministas (1) e interdisciplinaridade (1) foram grafados apenas uma vez. Situação semelhante de sub-registro aconteceu, entre outras, na intersecção dos estudos sobre mulher, gênero e feminismos com outras temáticas nas áreas da ciência política, ou aspectos culturais e artes⁴⁰.

PÁGINAS

A Coleção Bahianas publicou 4.126 páginas, nos dezesseis (16) volumes estudados, a média foi de 258 páginas. No entanto, essa quantidade variou bastante. Entre os exemplares, 346 páginas foi o maior número e o menor foi de 140 páginas.

PERIODICIDADE

A publicação se propôs a ser anual. No entanto, essa periodicidade não aconteceu em todos os volumes. O primeiro volume da Coleção saiu em 1997 e o último em 2014. Em dezessete anos de publicação foram apresentados dezesseis volumes. Em nove edições, a desejada publicação anual aconteceu: 1997, 1999, 2000, 2001, 2004, 2005, 2008, 2010, 2012 e 2004. Também, foram publicados dois números em cada ano, em 1998, 2002 e 2011. No entanto, não houve nenhum volume editado em 2003, 2006, 2007, 2009 e 2013. Vale registrar que em 2006 e 2007, dois anos seguidos, não teve nenhuma publicação.

TIRAGEM

A tiragem de cada número da Coleção Bahianas variou entre 500 a 1000 exemplares. Cinco volumes (12, 13, 14, 15 e 16) tiveram tiragem de 500 exemplares, os volumes 5, 6, 7, 8, 9 e 10 tiveram 1000 exemplares. Nos volumes 1, 2, 3, 4 e 11 não consta informação sobre tiragem.

⁴⁰ Em relação à Ciência política, apareceram as palavras Política (4) poder local (1), vereadoras (1), prefeitas (1), partido (1) e cidadania (1). Quanto aos aspectos culturais e artes, as palavras grafadas mais vezes foram: representação social (4), Cultura (2), acompanhadas de uma única citação, literatura, artes (1), Mídia (1), Imagens (1). Estes números não exprimem a quantidade de vezes que artigos com estas temáticas e/ou áreas apareceram na Coletânea.

APOIOS E PARCERIAS

Para a publicação de cada número da Coleção Bahianas, o NEIM contou com apoios e parcerias diferenciados, às vezes estes vieram de dentro da UFBA, como a FABEX, os Mestrados em Ciências Sociais (no.1) e o de História (no. 6) e constou a parceria do PPGNEIM (no 11). No Legislativo, o apoio foi da Assembleia Legislativa da Bahia (no.2) e duas emendas parlamentar da Deputada Lídice da Mata (nos.12 e 13). Do Executivo estadual, foi registrado o apoio da Secretaria de Planejamento Tecnológico do Estado da Bahia – CADCT (no.3). E em outro volume, foi a Confederação Nacional dos Metalúrgicos/CUT (no.9) a apoiadora. A REDOR foi parceira em dois volumes (no 8 e 9). Não consta apoio ou parceria nos volumes 4, 5, 7, 10,14, 15 e 16.

As parcerias e os apoios foram abordados pelas organizadoras, em forma de agradecimento. De forma geral, a diversidade de apoios e a dificuldade de manter a periodicidade da Coletânea, não foram objetos de discussão na publicação analisada. Em apenas uma citação, Passos (1997:6) se refere a dificuldades de financiamento: “apesar de todas as dificuldades que o trabalho acadêmico enfrenta hoje, incluindo: falta de recursos e excesso de ocupações”.

UM PERIÓDICO FEITO POR MULHERES

Todas as editoras do NEIM e as organizadoras da Coleção Bahianas são mulheres. De 259 autoras/es, apenas 11 são homens, a maioria das pessoas que assumiram a autoria dos artigos é de mulheres, 248. O mesmo acontece com as/os artistas criadoras/es das capas de cada volume, 12 são do sexo feminino e 5 do sexo masculino⁴¹. Proporcionalmente é a maior participação masculina na coleção.

EDITORIA

A maioria das componentes da Comissão Editorial da Coletânea permaneceu a mesma, com poucas mudanças. Assim como a maioria das editoras do periódico permaneceu a mesma, do primeiro ao 15º.

⁴¹ Em dois volumes a capa foi elaborada por duas pessoas. E um dos números da Coleção não consta nenhuma informação sobre a autoria.

volumes⁴². As alterações foram as seguintes: eram sete pessoas que compunham a editoria entre os volumes 3 e 9; do 10º. ao 15º. volumes foram seis pessoas. Várias modificações foram realizadas a partir da coleção de número 12. A Editora da UFBA (EDUFBA) passou a compor o quadro de Editoria da Coletânea. Entre o número 12 e 15 permaneceu a Comissão Editorial do NEIM, acrescida de uma Coordenação Editorial Executiva do NEIM, ao lado da Comissão da EDUFBA.

Na Coleção Bahianas de número 16 aconteceu outra alteração na Editoria do NEIM, esta resultou na retirada da Coordenação Editorial Executiva e modificações na composição da Comissão Editorial do NEIM. Ainda que as editorias do NEIM/UFBA e da EDUFBA tenham permanecido. Em relação à composição por sexo, na Comissão Editorial do NEIM continua a composição só com mulheres, enquanto no Conselho Editorial da EDUFBA⁴³ mantém-se seis homens e três mulheres. As Diretoras da EDUFBA e do NEIM são mulheres. A maioria da Comissão Editorial do NEIM foi substituída e o número de editoras diminuiu para cinco pessoas⁴⁴. Apenas uma

⁴² Vale registrar que no primeiro e segundo volumes constava Comitê Assessor, nos números seguintes passou a ser grafado Comitê Editorial. As professoras Alda Britto da Motta, Ana Alice Alcântara Costa, Cecília Maria Bacellar Sardenberg, Ivia Alves, Sílvia Lucia Ferreira fizeram parte na Comissão Editorial em todos os números até o volume 15. Enilda R. do Nascimento ingressou a partir da coleção três e permaneceu até a 15. A professora Elizete Silva Passos compôs o comitê editorial até o 8º volume. Na Coleção 9, as 7 componentes permaneceram e Ângela Maria Freire de Lima e Souza substituiu a Elizete Silva Passos. Nos volumes 10, 11, 12, 13, 14 e 15 a comissão editorial passou a ter 6 componentes: Alda Britto da Motta, Ana Alice Alcântara Costa, Cecília Maria Bacellar Sardenberg, Ivia Alves, Enilda R. do Nascimento e Sílvia Lucia Ferreira. Nas coleções de 12 ao 15, constou uma Coordenação Editorial Executiva com 5 pessoas do NEIM: Ângela Lima e Souza, Eulália Azevedo, Ivia Alves, Maria de Lourdes Scheffler e Sílvia de Aquino. Após o volume 12 a EDUFBA passou a compor o quadro de Editoria da Coletânea, assim passou a contar com duas editorias: uma do NEIM ao outra da EDUFBA.

⁴³ Composição da editoria da EDUFBA: Angelo Szaniecki Perret Serpa, Alberto Brum Novaes, Caiuby Alves da Costa, Charbel Niño El Hani, Cleise Furtado Mendes, Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti, Evelina Carvalho Sá Hoisel, José Teixeira Cavalcante Filho e Maria Vidal de Negreiros Camargo.

⁴⁴ No volume 16, a Comissão Editorial do NEIM da Coleção Bahianas foi modificada e ficou formada por cinco pessoas: Angela Maria Freire de Lima e Souza, Clarice Pinheiro, Eulália Azevedo, Ivia Alves e Maria de Lourdes Scheffle. A Editoria da EDUFBA permaneceu sem alterações.

pessoa continuou suas atividades na Comissão, três que assumiram participavam da Coordenação Editorial Executiva e uma já fazia revisões da Coletânea. Assim, as novas editoras já tinham experiências anteriores nos fazeres da própria Coleção Bahianas.

A longa permanência das pessoas do NEIM nas editorias merece reflexão. O contexto do NEIM, com grande carga de trabalho e uma equipe fixa pequena faz parte desta história. A instalação do PPGNEIM incluiu professoras já vinculadas a outros programas, cursos e departamentos da UFBA. A instalação do Bacharelado em Gênero e Diversidades possibilitou a realização de concursos para professoras/es. Apesar disto, a equipe é pequena e as tarefas são muitas e as pessoas não são suficientes. Vale lembrar que, durante o período estudado, várias professoras envolvidas com a editoria completaram sua formação *Strictu Sensu* e, com certeza, se depararam com situações pessoais e assuntos profissionais, como cursos, viagens e coordenações que contribuem e/ou provocam mudanças. Apesar dessas dificuldades, a maioria delas persistiram na Editoria por quase duas décadas. Esta é apenas uma das facetas do trabalho editorial da Coleção Bahianas.

A edição de um periódico envolve questões difíceis. Grossi (2004) descreve algumas dificuldades das acadêmicas feministas em participar de comitês editoriais, devido aos necessários conhecimentos especializados exigidos. Pedro (2004) aborda a gratuidade desta tarefa e considera que esta acarreta uma sobrecarga de trabalho às pesquisadoras.

Uma edição e editoração destes periódicos, segundo Minella, Grossi, Ramos e Losso (2004), é um tema de interesse de feministas vinculadas às academias e aos movimentos sociais, e, também das pessoas que se dedicam às formulações de políticas públicas. A editoria feminista na academia implica, mais que lidar com demandas de ações urgentes, em um aprendizado que envolve questões externas às práticas profissionais cotidianas, trata-se de uma reflexão sobre o próprio feminismo, percebido ali em suas múltiplas dimensões políticas.

A editoria da Coleção Bahianas parece incorporar a prática do NEIM de compartilhar conhecimentos. No caso, o repasse de conhecimentos sobre editoria para as professoras mais recentes tem sido cuidadosa. Neste sentido, esta prática é mais que uma forma de distribuir

tarefas, trata-se de compartilhar conhecimentos e responsabilidades. Estas questões podem constar entre os motivos da opção da editoração do NEIM na Coletânea fazer poucas mudanças.

ORGANIZADORAS

As organizadoras da Coleção Bahianas fazem um trabalho coletivo. Treze volumes tiveram mais de uma organizadora, apenas três volumes - entre eles as duas teses - tiveram uma única organizadora. Dezoito (18) pessoas assumiram esta tarefa, muitas vezes mais de uma vez, já que consta 38 organizadoras, considerando as fizeram este trabalho mais de uma vez. Em cinco volumes constam duas organizadoras e, sete volumes contaram com três organizadoras. Apenas um exemplar teve quatro organizadoras.

A professora Ana Alice A. Costa participou de organização seis números da Coleção Bahianas; as docentes Cecília M.B Sardenberg, Ivíia I. Alves e Silvia L. Ferreira contribuíram com a organização de quatro números cada uma. Seis professoras, Alda B Motta, Ângela M. F. Lima e Souza, Elizete Passos, Enilda R. Nascimento e Lina M.B. de Aras e Márcia Q.C. Gomes organizaram dois números. Oito pessoas participaram da organização de um volume.

Na Coleção Bahianas esta tarefa se revela em um processo pedagógico, em que as professoras fundadoras organizaram todos os primeiros números e outras alunas e professoras passaram a partilhar a organização da coletânea, à medida que novas pesquisadoras chegam ao NEIM. Vale lembrar que muitas destas participavam da Comissão Editorial e/ou da Coordenação Editorial Executiva.

DA AUTORIA ÚNICA À COMPARTILHADA

A maioria das autorias⁴⁵ dos artigos publicados é solitária. Ou seja, 143 artigos têm um/a único/a autor/a enquanto 116 possuem autorias com duas ou mais pessoas. Entre esses, registra-se autoria dupla em 39 artigos e tripla em três artigos. Seis artigos tiveram quatro autoras/es e cinco autoras/es publicaram um texto.

A predominância da autoria única começou no primeiro volume. No entanto, percebe-se uma mudança

⁴⁵ As informações sobre autoras foram assim sistematizadas: 1º. Foram anotados a quantidade de autoras em cada artigo por volume; 2º. foram identificadas a quantidade de artigos por autora.

nos últimos volumes, à autoria única cedeu espaço para autorias compartilhadas, assim nos volumes 13, 15 e 16 todos os artigos tiveram autoria com duas ou mais pessoas

AUTORIA POR ARTIGO

Até 2014, 259 autoras/es publicaram na Coleção Bahianas. A maioria publicou mais de uma vez⁴⁶. No entanto, 100 autoras/es escreveram um único artigo publicado na Coletânea. Entre as que mais publicaram estão duas autoras que divulgaram 14 artigos. A maioria das autoras mais publicadas tiveram seus artigos distribuídos em vários números, há exceções, por exemplo, como de uma professora que publicou sete artigos em parcerias, em um dos volumes dedicados aos resultados de uma única pesquisa.

Na Coleção Bahianas, muitas organizadoras⁴⁷ constam entre as autoras que escreveram mais de dois artigos. Ainda que esta prática pudesse indicar um privilégio, de ter espaço de publicação garantido na Coletânea, há que considerar outros aspectos: as inúmeras publicações nacionais e internacionais destas autoras; os artigos únicos nos primeiros volumes e de autoria coletiva nos últimos; o processo instalado compõe a estratégia de consolidar o campo de conhecimento sobre mulheres, gênero e femininos na Coleção Bahianas, no estado e nas regiões norte e nordeste. Assim, crédito esta prática também ao processo de oportunizar os/as novos/as pesquisador/as um espaço de aprendizagem e de publicação efetiva. Vale lembrar que a Coletânea também se transformou na referência que é; pelos artigos das pessoas com mais, e as com menos, experiências de publicar em periódicos acadêmicos.

⁴⁶ Quinze autoras publicaram duas vezes e 12 elaboraram três artigos. Uma escreveu quatro artigos e outra sete artigos. Três autoras escreveram cinco artigos, enquanto outra autora escreveu treze artigos. Outra ainda publicou dez artigos e duas autoras escreveram oito artigos cada.

⁴⁷ Das 18 organizadoras da Coleção Bahianas, apenas três que participaram uma vez da organização não constam entre as autoras que escreveram mais de três artigos. Entre as 11 autoras que escreveram mais de quatro artigos, apenas uma não consta da lista de organizadoras da Coleção Bahianas. Todas as que organizaram mais de dois volumes constam da lista citada. Vale registrar que as autoras com mais de dois artigos e as organizadoras coincidem em sua maioria.

COLEÇÃO BAHIANAS ESTÁ SITUADA NA BAHIA.

Do ponto de vista geográfico, a opção da Coleção Bahianas é priorizar os estudos produzidos na Bahia e pelas mulheres no Estado, conforme abordagem anterior. A escolha e a prioridade torna a questão uma posicionalidade, mais que geográfica, uma marca da produção da coletânea. A inserção profissional e geográfica das autoras/es confirma a proposta, já que 90% dessas pessoas têm vínculo profissional/institucional na Bahia. Nos títulos da Coletânea, a palavra Bahia foi especificada seis vezes, enquanto nos nomes dos artigos foi grafada 49 vezes. No entanto, na ficha catalográfica de cada volume da Coletânea, o referido termo apareceu apenas uma vez entre as palavras registradas.

Os títulos dos artigos também apontam que a Bahia foi acolhida nas páginas da Coletânea em sua diversidade. Os olhares investigativos das acadêmicas feministas se detêm em várias regiões do Estado, como o Piemonte da Chapada Diamantina, e em inúmeros municípios, por exemplo, Alagoinhas, Canudos, Conceição do Coité, Camaçari, Feira de Santana, Ipirá, Jacobina, Salvador, Serrolândia e Vitória da Conquista. Esses olhares analisam em seus fazeres científicos, mulheres inseridas nas zonas urbanas e rurais do interior e da capital do Estado, percorrem os centros históricos, os bairros populares e os da elite.

Em várias disciplinas, o local de trabalho é considerado um indicador de filiação institucional das/os autoras/es (LOPES; PISCITELLI, 2004). A UFBA é a instituição com maior número de contribuições, já que 106 professoras/es e alunas/os que registraram esse vínculo (64,2%). Entre os/as autores/as que publicaram na Coleção Bahianas 43, 26,1% possuem vínculos com outras instituições no Estado, muitas localizadas no interior. Estes dados confirmam que a Coleção Bahianas oferece espaço prioritário para publicação de estudantes e pesquisadoras inseridas no Estado.

Artigos de docentes e alunas/os da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com sede em Vitória da Conquista, frequentam mais as páginas da Coleção Bahianas, depois da UFBA. Professoras/es do Instituto Federal da Bahia, do CEFET e da Faculdade de

Ciência e Tecnologia também se fazem presentes. Assim como profissionais das áreas de educação (professoras do ensino médio e básico) e da segurança pública.

Os dados mostram que as/os pesquisadoras/es das Universidades Públicas Federais e Estaduais apresentaram mais artigos do que os das Universidades e Faculdades particulares instaladas no Estado. Este resultado é semelhante aos encontrados no estudo de Diniz e Foltran (2004) sobre a Revista Estudos Feministas.

O mesmo aconteceu com os vínculos de pesquisador/as provenientes do Nordeste, Norte Brasileiro e que publicaram na Coleção Bahianas. Precisamente estão vinculadas a Universidade Federal do Sergipe (UFSE), Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

No entanto, pesquisadoras de todas as regiões do país apareceram na Coletânea. O termo Brasil (1) foi grafado na ficha catalográfica e também apareceu duas vezes em títulos dos artigos. Entre as/os autoras/es que disponibilizaram esta informação no periódico (conforme expliquei na introdução), apenas 16 pessoas que contribuíram estão inseridas profissionalmente em outros estados do Brasil ou do exterior, o que significa (9,7%), uma média de um artigo de fora por volume. Metade destes, oito, são de pesquisadoras da região Norte e Nordeste. No Sudeste, participaram autoras das Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP), da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo e do Rio de Janeiro e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Na Região Sul, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Região do Centro-Oeste, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Ainda que, como dito anteriormente, a Coleção Bahianas privilegiou a Bahia e buscou parcerias, especialmente, nos contextos nordestinos e nortistas do Brasil. As pesquisadoras na Bahia também cruzaram o atlântico e voltaram seus olhares para França e Portugal, de acordo com os títulos das coletâneas. Uma pesquisadora da Inglaterra publicou na Coletânea. Estes fatos e o título do volume 5, *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*, demonstra tratar-se

de uma publicação em diálogos⁴⁸ locais, regionais, nacional e internacional, no contexto também de um diálogo interdisciplinar. A leitura das apresentações dos volumes das Bahianas, indica compromisso de manter os diálogos das organizadoras

NÚCLEOS DE ESTUDOS SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMOS

Segundo as anotações biográficas das/os autoras/es que publicaram na Coleção Bahianas, a Bahia e a UFBA possuem muitos Núcleos de Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismos. As professoras/es e estudantes vinculadas/os aos Núcleos da UFBA se apresentam em maior número. A maioria, 128, tem laços com o NEIM. E 22 apontam relações com o GEM, Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher. Enquanto seis pessoas são participantes de outros núcleos da UFBA, como o MUSA (Núcleo de Estudos Mulher e Saúde), o ECSAS (Núcleo de Estudos em Ciências Sociais e Saúde); MIDAS (Grupo de pesquisas sobre interseção entre Mídia, Cultura e Gênero), CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura). Interessante observar a quantidade de núcleos da UFBA e Bahia que tratam dos estudos sobre gênero e mulher(es).

Seis autoras/es participam de outros núcleos de Instituições de Ensino Superior do Estado, como o MULIERIBUS (Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher e Relação de Gênero) e o Diadorim. (Núcleo de Gênero e Sexualidades (Universidade do Estado da Bahia - UNEB)).

Das pessoas que informaram filiação a REDOR, cinco declararam fazer parte de núcleos de outros Estados, como o NEPIMG - Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre Mulher e Relação de Gênero (UFSE), NTMC - Núcleo Temático Mulher e Cidadania (UFAL) e Fazendo Gênero (UFRPE). Estes dados sugerem que as pesquisadoras deste campo de conhecimento, da Bahia e da REDOR, têm trabalhado

⁴⁸ Por exemplo, diálogo com mulheres de diferentes movimentos sociais, a Coletânea 9 é uma demonstração de um interessante diálogo e articulação com os movimentos de mulheres operárias, analisando suas experiências no trabalho e sindicato. Há inúmeros estudos publicados em outros volumes sobre a participação das mulheres em vários sindicatos (metalúrgicas, têxteis, professoras fumageiras, entre outras). E, outros movimentos como os de aposentadas, de luta pela moradia, de movimentos negros, além dos movimentos de mulheres e feministas.

no sentido de se organizarem em grupos de estudos e pesquisas em diferentes áreas de conhecimento.

A REDOR

A posicionalidade do NEIM nas regiões Norte e Nordeste está vinculada a REDOR - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero. A Rede foi criada⁴⁹ em 1992, como resultado de uma parceria do NEIM com outras atrizes e instituições das regiões citadas. Esta organização não-governamental feminista objetiva congrega, articular e desenvolver os estudos sobre as mulheres e relações de gênero na região⁵⁰. E incentivar as pesquisadoras de várias instituições de ensino e pesquisa para a criação e fortalecimento dos núcleos específicos nesta parte do país (COSTA; SARDENBERG, 2002).

Costa e Sardenberg (2002:14-15) contam que a Rede foi criada diante da necessidade de analisar “os problemas enfrentados no desenvolvimento dos estudos sobre a mulher e gênero nas nossas universidades” e de formular “estratégias para romper o bloqueio ao acesso a informações e recursos que mantinha as pesquisadoras das nossas duas regiões em situação de desigualdade em relação às nossas companheiras do Sul e Sudeste”.

O Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, conhecidos como os Encontros da REDOR, se constituíram como relevantes para a concretização dos objetivos da mesma. A Coleção

⁴⁹Costa e Sardenberg (2002, p.20) descreveram o nascimento da REDOR, desde do sonho de Cecília Sardenberg em articular a REDOR. As articulações iniciais aconteceram em 1991, em um ônibus no Encontro de Núcleos da Mulher realizado pelo NEMGE/USP, ‘poucas companheiras dos estados do Norte e Nordeste participaram’, ‘em meio a uma verdadeira “enxurrada paulista”. Depois de meses de articulação e planejamento no sentido de concretizar uma proposta formulada’ foi criada a REDOR.

⁵⁰A REDOR tem realizado encontros periódicos. O primeiro (1992) e o décimo (2002) Encontros da REDOR foram realizados em Salvador. Em 1991, do grupo de 20 pesquisadoras representando núcleos de instituições de ensino e pesquisa dos estados do Norte e Nordeste que participaram do Encontro realizado pelo NEMGE/USP até o encontro da REDOR, em 2002, verifica-se uma grande mudança quantitativa: cerca de 130 pesquisadoras(es) associadas e com a filiação organizativa de 23 núcleos. O último, 18º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero foi realizado em 2014, em Recife-PE.

Bahianas, em parceria com a REDOR, publicou o volume oito, no qual todos os artigos são resultantes do 10º Encontro desta Rede, realizado em Salvador. Por isso o termo Norte e Nordeste apareceu uma vez no título desta Coletânea e na ficha catalográfica da mesma.

Vale registrar que todos os artigos publicados por autoras de fora do Estado da Bahia, nos vários volumes da Coleção Bahianas, foram apresentados nos Simpósios Baianos de Pesquisadoras(es) sobre a Mulher e Relações de Gênero promovidos pelo NEIM. Estes eventos são semelhantes aos da REDOR, guardadas as devidas proporções.

DIVERSIDADE - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO DAS/OS AUTORAS/ES

A qualidade e a diversidade da Coletânea também estão relacionadas à sólida e diversa formação de suas/seus autoras/es. As/os autoras/es que possuem doutorado são 99 (51,6%), pós-doutorado são 23 (11,9%), mestrado 68 (35,4%), sendo que destes 28 (14,4%) são estudantes de pós-graduação. Apenas quatro são especialistas (2,1%)

Do total de 164 autoras/es que registraram na coleção informações sobre sua graduação, a minoria são estudantes, 44 assim se declararam. Quinze delas são estudantes de graduação, inseridas em programas como o PIBIC. As/os autoras/es são estudantes ou se graduaram e pós graduaram⁵¹ em diversos cursos.

As/os autoras/es se graduaram em 16 cursos universitários. As 97 autoras/es vinculadas/os às áreas das Ciências Humanas⁵² se sobressaem, seguida pelas 28 autoras/es da área de Ciências da Saúde, todas da Enfermagem. Também na área Linguística, Letras e Artes todas (20) se graduaram em Letras. Situação diferente das 11 profissionais das Ciências Sociais Aplicadas⁵³ de vários cursos, e nas Ciências Biológicas, todas as sete autoras/es são da Biologia.

As/os autoras/es da Coleção Bahianas se pós-graduaram em 12 diferentes cursos. Assim como na

⁵¹ Esta classificação tanto na graduação quanto na pós-graduação, seguiu o modelo adotado pela CAPES.

⁵² Destas 36 da Sociologia/Ciências Sociais; 30 da História; 15 da Antropologia; 7 da Educação; 6 da Filosofia; 3 da Psicologia e 1 da Teologia

⁵³ Desta 3 são do Direito; 3 do Jornalismo/Comunicação; 2 da Economia; 1 da Administração; 1 do Serviço Social e 1 do Turismo.

graduação, se sobressaem os vínculos das/os autoras/es (94) às áreas das ciências humanas⁵⁴, na pós-graduação. Seguida pelas áreas Multidisciplinar, com 39 pós-graduandas/os do PPGNEIM. Na área das Ciências da Saúde, 19 são da Enfermagem e três da Saúde. A maioria das pessoas da área da Linguística, Letras e Artes (20) tem vínculo com as Letras e uma com as Artes. A área das Ciências Sociais Aplicadas sofreu uma redução se comparada com a graduação, sendo três da Comunicação e dois da Administração.

Tanto na graduação quanto na pós graduação, registra-se a ausência de autoras/es de cursos na área das Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias, Ciências Ambientais, Ciências Exatas e da Terra, Engenharia. Na área Multidisciplinar essa ausência se apresenta entre as/os autoras/es da graduação, no entanto, aparece com um número significativo e se destaca na pós-graduação do PPGNEIM que é multidisciplinar.

Os diferentes níveis de formação e a diversidade presente na formação das/os autoras/es possibilita e incentiva olhares, perspectivas e ações interdisciplinares e é coerente com proposta do NEIM e da Coleção Bahianas, no tocante a interdisciplinaridade como um princípio norteador de suas práxis acadêmica. Para o NEIM (2004), a diversidade teórico metodológica, característica de sua produção se relaciona com a procedência de formação diversas das/os pesquisadoras/es. Estas diversidades têm uma importância fundamental na proposta e práxis do NEIM, da Coleção Bahianas e do próprio campo de conhecimento no qual estão inseridos.

Sobre a classificação dos artigos da Coleção Bahianas

Os 192 artigos da Coleção Bahianas foram classificados com o objetivo de identificar quais áreas de conhecimento se fazem presentes na referida coletânea. Para este trabalho classifiquei todos os artigos a partir de duas referências: o *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres* e a CAPES.

⁵⁴ Ciências Humanas: sociologia/ciências sociais (51); Educação (18); História (17); Antropologia (13); Psicologia (3); Filosofia (1); Geografia (1).

DA INDEXAÇÃO AO TESAURO

O periódico científico também tem um papel arquivístico para a disseminação da informação científica⁵⁵ (LANCASTER, 1975). A indexação é o ato de identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos representativos dos seus assuntos. A Norma da ABNT (1992) sobre métodos para análise de documentos, NBR 12676, diz tratar-se de uma linguagem de indexação. Segundo Bruschini, Ardaillon e Unbehaum, (1998), o exame dos resumos de artigos científicos mostra imprecisões da informação transmitida. A indexação, feita como convém, deveria bastar para uma identificação satisfatória do conteúdo de um documento.

No campo de conhecimento sobre mulheres, de gênero e feminismos, para cercar um assunto específico, o processo de indexação de acervos contempla demoradas pesquisas para descobrir o documento procurado ou à leitura de longas listas bibliográficas (Bruschini, Ardaillon e Unbehaum, 1998). A estas dificuldades somam-se o volume de informações disponíveis, as ambiguidades terminológicas e a necessidade de rápido acesso ao armazenamento das mesmas (JESUS, 2002).

A busca de termos que representem um determinado significado e a identificação de termos alternativos para descrever a informação contida no documento, podem ser encontradas em Tesouros, pois esses se propõem a assistir ao usuário na busca (JESUS 2002). Os Tesouros possibilitam a recuperação de informação precisa, pertinente e compatível com as necessidades dos usuários (DODEBEI, 2002). De forma geral, eles são organizados de acordo com uma área específica de conhecimento (VARGAS; VAN DER LANN, 2011).

Um Tesouro é um vocabulário especificado, normalizado, composto por termos, com suas relações semânticas associativas, hierárquicas e de equivalência. Também é um sistema classificatório (CURRÁS, 1995). Nos Tesouros, as palavras designam conceitos, tornam-se termos ou descritores (BRUSCHINI, ARDAILLON E UNBEHAUM, 1998).

⁵⁵ De acordo com Lancaster (1975), os periódicos científicos fornecem mecanismos formais para expor os resultados de pesquisa, ainda que não seja um mecanismo eficiente para a disseminação da informação científica. Cientistas também obtêm os resultados de pesquisas por meio de canais informais de comunicação.

O *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres* é um instrumento para indexação de acervos sobre gênero e mulheres. Ele busca facilitar o acesso a informações, agilizar os levantamentos bibliográficos e mapear estudos sobre a condição feminina e de gênero. Este Tesouro é multidisciplinar e se propõe a difundir uma linguagem menos sexista e busca uma conceituação “politicamente correta” (BRUSCHINI, ARDAILLON E UNBEHAUM, 1998, P.14).

A *Women's Thesaurus*⁵⁶ foi a referência para a construção do *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*, elaborado por Bruschini, Ardaillon e Unbehaum na Fundação Carlos Chagas. Os critérios para inclusão de termos neste Tesouro foram especificidade (um grau médio), a historicidade e o contexto cultural brasileiro. Este Tesouro tem nove áreas temáticas, que representam categorias e classes de assuntos, grupos de delimitadores etários, geográficos e históricos. Os termos são apresentados em uma Lista Alfabética – com 1.750 termos, sua estrutura conceitual se refere a relações de diversas ordens. Esta lista alfabética possibilita uma indexação mais complexa, uma pesquisa mais precisa pela imediata visualização dos relacionamentos, numa determinada hierarquia, entre os conceitos expressos pelos descritores. Já na Lista Temática, os termos aparecem por áreas temáticas e delimitadores etários, geográficos e históricos. Nesta última a indexação é mais rápida (BRUSCHINI, ARDAILLON e UNBEHAUM, 1998)

OS PROCESSOS DE CLASSIFICAÇÃO

Os processos de classificação se mostraram muito mais complexos do que o esperado. Entre as dificuldades destacam-se a compartimentação e hierarquização do conhecimento. Na Coleção Bahianas, fizeram falta a ausência de resumo e de palavras chaves elaboradas pelas/os autoras/es dos artigos. A diversidade temática

⁵⁶ A equipe analisou os tesouros da UNESCO9, da USP10, da Comunidade Europeia e o americano: *A Women's Thesaurus* 12, (AWT). Ele tem 5.000 termos cobrindo 11 grandes áreas temáticas. O AWT considera “a ótica relacional de gênero” e “as particularidades das mulheres”. Também foi submetido à consulta de muitos centros de pesquisa, e testado em bibliotecas e centros de pesquisa. Ele é compatível com classificações e sistemas de catalogação existentes, como o da *Library of Congress Subject Headings*, utilizado no Brasil em bibliotecas universitárias (BRUSCHINI, ARDAILLON E UNBEHAUM, 1998, P.18).

e de abordagens dos artigos - ainda que coerentes com o campo de conhecimentos sobre mulheres, gênero e feminismos e com a proposta da Coletânea - não facilitam a classificação. Para operar efetivamente com esta visão multi/interdisciplinar, minha formação disciplinar (sou enfermeira, mestre em educação e doutoranda no PPGNEIM) também dificultou. O processo de classificação desses estudos, as dificuldades e facilidades em realizar estas classificações se referem às exigências próprias dos estudos sobre gênero e ciências.

Lima e Souza (2011) e Yanoullas e Lima e Souza (2010) citam que os estudos de gênero e ciência não têm “um lugar” no modelo de comitês disciplinares em vigência nas instituições de fomento de pesquisa brasileira. No processo de classificação realizado na análise dos artigos da Coleção Bahianas este “não lugar” ou as dificuldades para encontrar o lugar também se fizeram presentes, tanto no modelo da CAPES quanto no do Tesouro, mesmo sendo um Tesouro específico para o campo.

CLASSIFICAÇÃO SEGUNDO O TESAURO

QUADRO 2 - QUANTIDADE DE ARTIGOS DA COLEÇÃO BAHIANAS (CB) DE ACORDO COM A ÁREA E SUBÁREA DO TESAURO PARA ESTUDOS DE GÊNERO E SOBRE AS MULHERES. SALVADOR. ANOS 1997-2014.

ÁREA E SUBÁREA DO TESAURO PARA ESTUDOS DE GÊNERO E SOBRE MULHERES	ARTIGOS CB
Ciências e Tecnologia (Ciências do meio ambiente / Ciências físicas e da terra / Engenharia / Matemática / Tecnologia e impacto da tecnologia).	03
Ciências Naturais e Saúde (Ciências biológicas, incluindo: biologia, química, fisiologia, zoologia e genética / Ciências médicas, incluindo: medicina, odontologia, enfermagem e farmacologia / Planejamento familiar e aborto / Esportes / Gravidez e parto / Saúde, incluindo saúde mental, saúde sexual, higiene e nutrição / Sexualidade).	17
Ciências Sociais e Cultura (Antropologia / Casamento e família / Ciclos de vida / Demografia / Estereótipos / Estilos de vida / Estudos interdisciplinares, incluindo estudos de gênero, classe e raça / Instituições / Moda, indumentária e divertimento social / Papéis sexuais / Parentesco / Psicologia / Socialização / Sociologia / Violência).	47
Comunicação, Artes e Espetáculos (Arquitetura e <i>design</i> de interiores / Artes visuais/ Artesanato / Canto / Ciência e teoria da informação, incluindo bibliotecas / Cinema e vídeo / Dança e mímica / <i>Design</i> de moda / Edição e impressão / Espaços para exposições e espetáculos diversos / Fotografia / Jornalismo / Mídia eletrônica e impressa / Museus e galerias/ Música / Propaganda / Relações públicas e informação / Shows / Teatro e artes cênicas / Telecomunicações / Teoria da arte, técnica e crítica)	10
Economia e Emprego (Agricultura / Emprego/carreiras / Finanças / Força de trabalho/mercado de trabalho / Local de trabalho / Negócios e indústria / Renda, salário, igualdade de salário / Teoria e prática institucionais, organizacionais e da gerência / Teoria econômica, sistemas e condições).	13
Educação (Aconselhamento de carreira / Administração /	

Berçários e creches / Currículos / Educação infantil / Educação de adultos, de extensão / Educação profissional, religiosa / Educação superior / Ensino fundamental e médio / Estudantes / Faculdades / Financiamento, incluindo apoio financeiro à educação, privado e público / Metodologia de ensino / Teorias de Educação)	17
História e Mudança Social (História da mudança social / História das mulheres / Historiografia / Movimentos culturais e políticos / Movimentos de mulheres / Teoria feminista).	43
Lei, Governo e Políticas Públicas (Crime, prisões e punição / Direitos legais / Lei e legislação, incluindo regulamentações e fiscalizações / Militares e defesa / Políticas sociais e econômicas e serviços, incluindo bem-estar, creches e habitação / Relações internacionais / Teoria e ciência política)	18
Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia (Crítica literária / Espiritualidade / Ética / Filosofia / Linguística / Literatura, incluindo biografias, diários, memórias e cartas / Mitologia / Religião / Semiótica / Teologia)	24
TOTAL	192

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres* e da Coleção Bahianas.

De acordo com a classificação proposta pelo Tesouro selecionado, na Coleção Bahianas há uma predominância dos artigos inscritos nas chamadas áreas soft e pouca presença nas áreas hard do conhecimento. Assim, na Coletânea destacam-se as Ciências Sociais e a Cultura (47) e a História e a mudança social (43) com maior presença de artigos. A área da Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia (24), que somada com a de Comunicação, artes e espetáculos (10), indicando uma forte contribuição de estudos sobre as mulheres e a cultura no periódico. Uma perspectiva interessante desta classificação, baseada no Tesouro, é a possibilidade de visualizar a inserção das mulheres nos estudos sobre o trabalho e as políticas públicas de forma mais ampla. Isto é percebido nos dados referentes às áreas Economia e Emprego (13), Lei, Governo e Políticas públicas (17), Ciências Naturais e Saúde (17) e Educação (17). Os estudos sobre trabalho e políticas públicas mostram outra face significativa desta Coletânea.

A Coleção Bahianas, nesta classificação, se mostrou diversa, ainda que não apresente artigos sobre Engenharia e Matemática. No caso da área de Ciência e Tecnologia (3), os estudos que apareceram são procedentes dos estudos de gênero, ciência e tecnologia. Esta área, ainda que denominada de ciência e tecnologia, não permitiu incorporar todos os estudos relativos à ciência e gênero⁵⁷. Assim, nesta

⁵⁷ A classificação de gênero e ciência nesta área foi específica para aqueles estudos que tem como característica predominante a interdisciplinaridade e os artigos que se referem de alguma forma as ciências exatas. Os outros foram classificados em outras áreas (humanidades e saúde).

classificação, estes se encontram distribuídos nas áreas da educação, da saúde e das ciências sociais.

CLASSIFICAÇÃO A PARTIR DA CAPES

A CAPES tem uma classificação das ciências, que é utilizada no desenvolvimento das atividades da pós graduação, especialmente a avaliação. Neste sentido, agregou, por critério de afinidade, 48 áreas em dois níveis. No primeiro, constam três colégios e no segundo, nove grandes áreas (BRASIL, 2014).

Interessante observar a presença da área interdisciplinar inserida no Colégio de Ciências Exatas e Tecnológicas Multidisciplinar ao lado de Biotecnologia, Ciências Ambientais, Ensino, Interdisciplinar, Materiais. Neste caso é difícil identificar os critérios de afinidade.

QUADRO 3 - QUANTIDADE DE ARTIGOS DA COLEÇÃO BAHIANAS DE ACORDO COM AS ÁREAS E SUBÁREAS DA CAPES. SALVADOR. ANOS 1997-2014.

Colégio/Áreas	Colégio de Humanidades	Colégio Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar	Colégio de Ciências da Vida	Total
CIÊNCIAS HUMANAS: Antropologia/Arqueologia, Ciência Política/Relações Internacionais, Educação, Filosofia/Teologia, Geografia, História, Psicologia, Sociologia	108	-	-	108
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS: Administração /Ciências Contábeis/ Turismo, Arquitetura/ Urbanismo, Ciências Sociais Aplicadas, Direito, Economia, Planejamento Urbano/ Regional/Demografia, Serviço Social, Comunicação	2	-	-	2
LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTE: Artes/Música, Letras/lingüística	25	-	-	25
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA: Astronomia/ Física, Ciências da Computação, Geociências, Matemática/ Probabilidade/ Estatística, Química	-	-	-	0
ENGENHARIAS: Engenharias I, Engenharias II, Engenharias III, Engenharias IV.	-	-	-	0
MULTIDISCIPLINAR: Biotecnologia, Ciências Ambientais, Ensino, Interdisciplinar, Materiais	-	43	-	43
CIÊNCIAS AGRÁRIAS: Ciência de alimentos, Ciências agrárias I, Medicina Veterinária, Zootecnia/Recursos Pesqueiros	-	-	5	5
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: Biodiversidade, Ciências Biológicas I, Ciências Biológicas II, Ciências Biológicas III	-	-	1	1
CIÊNCIAS DA SAÚDE: Educação, Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina I, Medicina II, Medicina III, Nutrição, Odontologia, Saúde Coletiva	-	-	8	8
TOTAL	135	43	14	192

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da CAPES e da Coleção Bahianas, ambos disponíveis nos respectivos sites, da CAPES e do NEIM/UFBA.

Esta classificação da produção da Coleção Bahianas, baseada neste modelo da CAPES, apresenta uma concentração de estudos no Colégio de Humanidades, com 135 artigos, distribuídos nas grandes áreas das Ciências Humanas (108), das Ciências Sociais Aplicadas(2) e da Linguística, Letras e Arte (25). Esta informação reflete a formação das/os autoras/es, a própria inserção do NEIM e da Coleção Bahianas na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Vale lembrar que periódicos como a Revista de Estudos Feministas também apresentam resultados semelhantes, segundo Diniz e Foltran (2004). Neste sentido, vale perguntar como o campo de conhecimento sobre mulheres, gênero e feminismo pode ampliar sua atuação.

De acordo com esta classificação, a presença no Colégio de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar com 43 artigos, se fez, totalmente, na área Interdisciplinar. Ou seja, não teve nenhum estudo específico de Ciências Exatas e da Terra e Engenharias publicado na Coletânea. Os dados referentes ao Colégio de Ciências da Vida (14) apontam uma distribuição mais diversa, já que Ciências Agrárias teve cinco artigos; Ciências Biológicas, apenas um; e Ciências da Saúde teve oito.

Uma diferença entre as classificações se refere à distribuição de artigos. Na lista de áreas proposta pelo Tesouro, em todas elas consta artigos da Coleção Bahianas. Isto não aconteceu na CAPES, ali duas grandes áreas não constam nenhum artigo. Outra discrepância se refere aos resultados concentrados na grande na área das Humanidades, no modelo da CAPES, enquanto no Tesouro resultou em menor em quantidade em cada grande área e maior na distribuição pelo conjunto das áreas.

Nas conclusões de ambas as classificações, a Coleção Bahianas se apresenta com número significativo de Estudos Interdisciplinares e o registro da pouca presença ou da ausência das subáreas de engenharias, matemáticas e ciências da terra. As subáreas referentes às linguagens, a literatura e as artes, apareceram com quantidade apreciável de artigos nas duas análises. De forma geral, estes resultados da Coleção Bahianas

reproduz-as tradições disciplinares e de áreas do saber, inclusive a interdisciplinaridade, conformam o campo de conhecimento sobre mulheres, gênero e feminismos. No entanto, marcadores temporais relacionados aos tipos de estudos que compõem a literatura do campo não foram encontrados. Por exemplo, a Coletânea não se furta a retomar durante toda sua trajetória a uma produção feminista considerada fruto dos anos 1960 e 1970, já que seus artigos apresentam denúncias sobre as desigualdades entre mulheres e homens na Bahia, sobre mulheres e trabalho, trazem a visibilidade das mulheres que foram esquecidas no campo da cultura, da história, da ciência política, entre outros.

Na Coleção Bahianas, o predomínio das áreas das Ciências Humanas - incluindo a História e as linguagens, a literatura e artes - se fizeram, e ainda se fazem, presentes de forma significativa. Não foi encontrado nenhum marcador semelhante ao indicado por Costa e Sardenberg (2002), quando afirmam que as ciências sociais e a história predominavam nas abordagens feministas da década de 80, do século passado. A psicologia, a teoria literária e a filosofia, a história e filosofia das ciências se incorporaram a este campo de conhecimentos na década de 1990. Na Coletânea estas abordagens e as perspectivas de inter/multidisciplinaridade dos estudos se fazem presentes durante toda a trajetória da mesma.

GÊNERO E CIÊNCIAS NA COLEÇÃO BAHIANAS

Esta trajetória da Coleção Bahianas também foi marcada por um jeito feminista de fazer ciência. As “Saudações Feministas!” grafadas por Costa e Sardenberg (2002:20-21), ao concluírem a apresentação do volume oito, da Coletânea, é um exemplo desta opção. Esta Coletânea registra um jeito de fazer ciência e de publicá-la com marcas e olhares originários dos movimentos feministas, conforme já abordei anteriormente.

Os feminismos compõem essa publicação científica, estão retratados em seus objetivos e se fazem presentes em seu *'modus operandi'*. Mais do que uma expressão, esta herança possibilitou a construção de uma trajetória própria – ainda que em diálogo com a produção feminista nacional e internacional - de abordagem sobre os estudos da mulher, das mulheres, do gênero e dos feminismos numa coexistência de temporalidades múltiplas. Estas heranças feministas se atualizam no

lema do aniversário do NEIM em 2014: “Articulando e vivendo teoria e práxis feministas”.

Os acervos destas perspectivas teóricas, revelam que os sujeitos epistemológicos feministas produzem outros conhecimentos, mais comprometidos com as transformações sociais e com outras perspectivas, questão também já abordada neste artigo. O privilégio epistemológico é uma conquista também das mulheres da Bahia, do Norte e Nordeste brasileiro. Costa e Sardenberg (2002, p.7) o entendem como resultado de um longo processo de luta das mulheres e dos feminismos. Nesta perspectiva, a frase “Às mulheres cientistas brasileiras e a todas nós, feministas: pela conquista do direito de sermos, também, sujeitos cognoscentes”. Mais do que uma dedicatória feita por estas autoras, trata-se da celebração de uma conquista feminista e do reconhecimento das autoras da Bahia e do Norte e Nordeste brasileiro. Homenagem, que também inclui as autoras que publicam na Coleção Bahianas.

A Coleção Bahianas tem cruzado as fronteiras que separam a teoria da ação política, participa das lutas, e nelas se inspira, e dos processos que resultam em escolhas teóricas. Os escritos da Coletânea não só revelam - como também resultam de - posicionamentos de dentro (e de fora), já que suas/seus autoras/es se colocam como parte e observador/a dos feminismos e dos movimentos de mulheres. Assim, outro olhar incide sobre a produção da ciência e a história destes movimentos situados na Bahia, no norte e nordeste do país, olhar que se reconhece na periferia do Brasil, um país também situado na América Latina, uma periferia do ocidente. Estas questões também foram abordadas antes neste artigo, volto a elas para registrar que as classificações realizadas não contribuíram para identificar estes olhares e posições. O mesmo aconteceu com a identificação dos artigos sobre ciência e gênero. Os resultados das duas classificações realizadas, não ajudaram muito nesta tarefa.

Ainda que na trajetória da Coleção Bahianas existam volumes, partes de volumes e artigos dedicados à ciência e gênero. Estes artigos têm abordagens inscritas nas análises estruturais, epistemológicas e análises dos discursos e das representações sobre mulheres, de acordo com a classificação proposta por Lima e Souza (2011). Esforços de revisão do cânone, de releitura das críticas feministas à ciência tradicional e da própria

produção feminista têm sido feitos na Coletânea. Esta produção específica carece de ser analisada em seu conjunto, isso não será possível neste artigo. No entanto, uma breve abordagem sobre a questão é necessária, já que o sonho de criar a Coleção Bahianas aconteceu a partir do compromisso de construir um saber científico com perspectivas feministas (COSTA E ALVES, 1997).

Em sua estreia, e nos volumes seguintes, a Coleção Bahianas traz artigos de Passos (1997; 1989), como a *Presença feminina nos cursos de graduação da UFBA e o Impacto da perspectiva de gênero e dos estudos sobre mulher na UFBA*. A tese dela foi publicada em 1999, com o título de *Palcos e Plateias - as representações de gênero na Faculdade de Filosofia*. Esses, entre outros artigos, compõem a chamada crítica à ciência, pois buscam desvelar a formação diferenciada de homens e mulheres na UFBA e a distribuição de discentes e docentes na mesma instituição. De acordo com a classificação dos estudos de gênero e ciência, proposta por Lima e Souza (2011, p.17), trata-se de uma abordagem estrutural que investiga a “presença, a colocação e a visibilidade das mulheres nas instituições científicas”.

O volume oito da Coleção Bahianas, intitulado *O Feminismo, Ciência e Tecnologia*, a parte I, *Reflexões sobre feminismo(s), ciência(s) e tecnologias(s)* é toda dedicada à temática. Este volume contém o maior número de autoras de fora da Bahia, é o único na ficha catalográfica a constar a palavra ciência. No volume 14, sob o título de *Gênero, Mulheres e Feminismos*, o subtítulo I é denominado de *Pensando a teoria*, a abordagem das organizadoras e das autoras dos artigos, não deixam dúvidas sobre trata-se uma produção sobre ciência e da crítica à ciência, a partir dos conhecimentos feministas e de gênero. Ainda que não conste a palavra ciência na ficha catalográfica do volume.

Alguns artigos destes volumes, como o de Sardenberg (2002), *Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?* E o de Lima e Souza (2011), *Sobre gênero e ciência tensões, avanços, desafios*, compõem a abordagem epistemológica, que “questiona os modos de produção do conhecimento a partir de uma crítica aos princípios norteadores do pensamento científico hegemônico” (LIMA e SOUZA, 2011, p.17). Nestes dois artigos, ambas as autoras reconhecem que o objeto

em questão é a ciência e não se furtam de contribuir com a produção da mesma a partir das perspectivas feministas e de gênero.

Nesta perspectiva de crítica ao pensamento da ciência, Britto da Motta, entre outras, publicou uma série de artigos sobre geração e gênero, nos quais ela questiona a falta da perspectiva geracional nos conhecimentos feministas. Artigos que datam desde 1997, como a *Terceira idade - gênero, classe social e moda teórica*. Em 2005, *Gênero e geração: de articulação fundante a "mistura indigesta"*. E, em 2010, *Revisitando o par relutante*, (BRITO DA MOTTA, 1997; 2005 e 2010) entre outros. Esta abordagem também foi tema do volume 10, *Reparando a falta: Dinâmica de gênero na perspectiva geracional* e a Segunda parte do volume 12, *Gênero e geração*.

Lima e Souza (2002) em *O viés androcêntrico em Biologia*, apresenta outra abordagem sobre gênero e ciência. A autora analisa os discursos e as representações sobre mulheres na ciência, e busca as “metáforas de gênero como as que associam a mulher à Natureza e o homem à Razão, com repercussões importantes nos conteúdos de diversas disciplinas” (LIMA E SOUZA, 2011, p.17).

Outra faceta desta abordagem, se apresenta com um conjunto de artigos que remetem a outra representação das mulheres nas ciências. Estes se referem a experiências construídas no sentido de superar a situação da mulher vinculada à natureza e com impossibilidades em produzir ciência. Neste sentido, mostram trajetórias alternativas à ciência hegemônica, por meio de artigos como *o do Instituto de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo/INEIM na Universidade Federal da Bahia: um relato das possibilidades de experiências transversais de gênero no ensino superior* (VANIN, 2010) e, no volume 15, *O pensamento feminista e os estudos de gênero na Escola de Enfermagem da UFBA*, vários artigos de Ferreira, Nascimento e Paiva (2012). Estas análises tratam de trajetórias feministas construídas na UFBA.

Nos trabalhos de Passos (1997, 1999), Vanin (2010) e Ferreira, Nascimento e Paiva (2012), entre outros, nem as autoras e nem as organizadoras da Coleção Bahianas, na apresentação dos volumes, enfatizaram que se tratava de ciência e gênero ou da crítica à

ciência. Esta situação se repete em vários artigos distribuídos entre os volumes.

Entre outras questões relacionadas à ciência e gênero/feminismos analisadas na Coleção Bahianas, destaca-se a posição de uma atuação situada na Bahia, também já analisada. Esta posicionalidade encobre uma multiplicidade de ausências de olhares e escutas das produções fora das regiões conhecidas como produtoras do conhecimento. Ou seja, de forma geral, os artigos fora dos eixos hegemônicos (os países do norte ocidental e no Brasil, as regiões sudeste e sul) são pouco lidos e reconhecidos, mesmo entre as feministas acadêmicas. A questão é reconhecida pelas organizadoras da Coletânea. Por um lado, o problema é enfrentada, desde a proclamação desta nos propósitos da mesma, reafirmada em diversos volumes, abordada como justificativa para a articulação da REDOR, entre outras. De outro lado, outras dificuldades permanecem não explicitadas, inclusive o fato de que os artigos são poucos citados na própria produção da Coleção Bahianas⁵⁸.

Considerações finais

A Coleção Bahianas, uma feminista autodeclarada, que tem em sua bagagem 18 anos de lutas, enfrentamentos, dificuldades, celebrações nas 4.126 páginas, nos 16 volumes, nos 192 artigos, nas 259 autoras são conquistas.

A análise deste veículo de produção de ciência revelou a lucidez com que suas características e suas perspectivas são explicitadas. O jeito feminista de fazer e publicar ciência, uma ciência feminista situada pelas opções epistemológicas e na Bahia, numa estreita e cuidadosa construção das relações deste feminismo acadêmico com os outros feminismos e com outras ciências. Um conhecimento sem baliza temporal, uma construção a partir de saberes diferenciados, numa intencionalidade e num esforço enorme de construir saberes interdisciplinares e multidisciplinares. A diversidade de enfoques teóricos e temáticos é outra característica da produção publicada na Coleção Bahianas.

O difícil, mas exitoso, processo de institucionalização do NEIM, que permite a formação de novas

⁵⁸ Nos volumes 3, 4, 5 e 9 só tinham uma referência da Coleção Bahianas. Os volumes 6, 8 e 16 tiveram duas referências da Coletânea.

pesquisadoras e profissionais de diversas áreas de atuação no campo das políticas públicas e do ensino, é outro aspecto associado ao reconhecimento da sociedade na qual este periódico está inserido, conforme abordagem anterior. Sem intenção laudatória, é preciso registrar que este reconhecimento está relacionado aos avanços no processo de consolidação deste campo de conhecimento no Estado e à qualidade de sua produção científica⁵⁹ de publicações como a Coleção Bahianas. Estas questões carecem de estudos aprofundados.

Alguns assuntos foram pouco abordados na Coleção Bahianas, como as estratégias de divulgação da mesma. Interessante, pois esta temática se refere ao fortalecimento dos estudos e pesquisas feministas na Bahia e na região. Construir perspectivas não só para Coletânea, mas também as Revistas Feministas, significa manter fortalecidos veículos de divulgação e aprofundamento dos estudos do campo. Na análise desenvolvida sobre a Coleção Bahianas, permanece atual a questão feita por Sardenberg: quem se interessa em nos ler?

Nas apresentações dos volumes há poucas informações sobre as ações do NEIM na UFBA, ainda que tenham se referido “a ocupação de espaços” em cursos instituídos, a criação do Bacharelado em Gênero e Diversidade, os cursos de extensão e os de especialização. Não há artigos específicos sobre estas ações. Trata-se de uma militância feminista na UFBA. Propósito explicitado pelo NEIM e divulgado na Coleção Bahianas.

Esta tarefa foi parcialmente realizada por Elizete Passos em seus estudos sobre a Faculdade de Filosofia, depois na pesquisa sobre a participação de mulheres nas Universidades da região, particularmente na UFBA. Sobre o NEIM há o artigo de Vanin (2010) e o Curso de Enfermagem foi estudado por uma série de autoras, no volume 15. Este número também sugere um vínculo do NEIM com o GEM/UFBA. Mesmo com estes trabalhos, ainda há muito a ser feito. Neste artigo poucos elementos foram encontrados sobre as relações

do NEIM e da Coletânea com outros grupos/núcleos do campo dos estudos sobre mulheres, gênero e feminismos na UFBA e na Bahia.

Para mim, uma das dificuldades apresentada na elaboração deste artigo se refere a lidar com uma publicação que se reconhece estar às margens da ciência hegemônica, situada geograficamente no espaço brasileiro não (ou pouco reconhecido) como produtor de conhecimento, com uma proposta de ciência feminista, e com galhardia lida com as contradições apresentadas ao fazer e divulgar sua contribuição à ciência e às mudanças sociais que preconiza. Cair às margens ou celebrar as margens, como diz Schmidt (2004), é um risco.

Ao desenvolver o estudo lidei com este risco, com a certeza de que não se trata de negar ou de louvar as margens. Esforcei-me para identificar as tensões, as permanências, os avanços, as contribuições e as dificuldades. Considero que as organizadoras da Coleções Bahianas têm percorrido sua trajetória de construção convivendo com este risco, e o superaram com muita criatividade e competência, para mim foi um exercício. O fazem com o orgulho da autoridade epistêmica conquistada, constroem a Coletânea para que as (elas e outras) mulheres, possam fazer ciência a partir deste feminismo situado. Schmidt (2004), pensando sobre esta questão, afirma que o reconhecimento compõe este lugar de sujeitos cognoscentes, assim como anota a importância de buscar se conhecer.

As páginas da Coleção Bahianas revelam outros aspectos em sua trajetória que, por diversos motivos, olvidei neste artigo. Vale registrar, trata-se de um estudo exploratório, a partir dos pontos de vista já explicitados e espero que suficiente para os objetivos deste estudo, mas insuficiente na perspectiva do próprio periódico.

Albertina Oliveira Costa (2004:205) considera que a *Revista Estudos Feministas* é “um foro, espaço público de reflexão e debate – uma conquista que necessita ser constantemente reassegurada e que merece todo o empenho em sua preservação”. É assim que considero a Coleção Bahianas.

Para encerrar estas reflexões, há que registrar meu aprendizado nesta agradável e difícil tarefa, de aprender a dialogar sobre ciências feministas com as mestras. A todas as construtoras da Coletâneas,

⁵⁹ Junto com Bonneti e Lima e Souza (2011) e Costa (2011), entre outras, considero o processo para consolidar o campo de Estudos Feministas na Bahia tem se dado com a contribuição do NEIM e da Coleção Bahianas e, a esta tem registrado o mesmo. Assim como indica que ainda há muito a ser feito.

agradecimentos com carinho⁶⁰. Minhas saudações feministas⁶¹ a vocês. Especialmente a uma grande cientista feminista e representante destas Ciências produzidas na Bahia, Ana Alice Alcântara Costa. Uma mulher que deixou não só seu pensamento registrado nas páginas da Coleção Bahianas, mas seu fazer e seu exemplo de cientista, política e feminista. Compartilho com Cecília Sardenberg que ela “se manteve como a grande inspiradora, articuladora e anjo protetor do NEIM e de todas e todos nós, seus integrantes” (SARDENBERG, 2015). Penso que na Coleção Bahianas, ela também foi a inspiradora, a pensadora, a articuladora e além de anjo protetor, fez numerosos artigos e organizou muitos volumes. Saudações feministas, minha sempre mestra!

Referências

ABNT- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 12676: Métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

ALDEMAN, Miriam; RIAL, Carmen. “Uma trajetória pessoal e acadêmica: entrevista com Raewyn Connell”. *Revista Estudos Feministas*, Vol.21, No.1, 2013, pp.:211-231.

ALVAREZ, Sonia. “Construindo uma política feminista translocal da tradução”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(3): 743-753, setembro-dezembro/2009. <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/10022010-015650p-743753-alvarez.pdf>

AMORÓS, Celia. *Hacia una crítica de la razón patriarcal*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1985.

ANZALDÚA, Gloria. “Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 8, N.1, 2000, pp.: 229-236. <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112-009-025522anzaldua.pdf>

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(1): 207-230, janeiro-abril/2008

BARTRA, Elí (ORG). *Debates en torno a una metodología feminista*. Universidad Autonoma Metropolitana. Unidad Xochimilca. México: 1998.

BELELI, Iara. Publicações feministas: velhos e novos desafios. *Estudos Feministas*, 21(2): 637-641, maio-agosto/2013.

BELELI, Iara; LOPES, Maria Margaret e PISCITELLI, Adriana. “Cadernos Pagu: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos”. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n.1, p. 242-6, jan-jun 2003.

BLAY, Eva Alterman. “Mulheres cientistas: aspectos da vida e obra de Khäte Schwarz”.

Revista Estudos Feministas, Vol.18, No.2, 2010, pp.:473-489.

BONETTI, Alinne de Lima Bonetti. Antropologia Feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção. *Cuad. antropol. soc.* no.36 Buenos Aires ago./dic. 2012.

http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1850-275X2012000200004&script=sci_arttext

BONNETI, Alinne ; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e (org.). *Gênero, mulheres e feminismos - Salvador : EDUFBA : NEIM, 2011. 346 p. - (Coleção Bahianas ; 14) Disponível em: http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/. Acesso: 15 ago 2014*

BORDO, Susan. A feminista como o Outro. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 8, No. 1, 2000, pp.:10-29. http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112-009-020937_bordo.pdf

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos pagu* (26), janeiro/junho de 2006: pp.329-376. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>.

BRASIL, 2006 Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Pioneiras da Ciência no Brasil*. Site..www.spm.gov.br acesso. Janeiro de 2015

BRASIL. CAPES. *Sobre as áreas de avaliação*. Publicado em Conteúdo Estático, Avaliação CAPES. Publicado: Quarta, 02 Abril 2014 16:28. Última atualização: Quarta, 15 Outubro 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020 / Coordenação de Pessoal de Nível Superior. – Brasília, DF: CAPES, 2010 2 v. p. 309.*

<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/Livros-PNPG-Volume-I-Mont.pdf>
Acesso. 23 janeiro de 2015.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Terceira idade - gênero, classe social e moda teórica IN: COSTA, Ana Alice Alcântara; ALVES, Ivya Iracema. Rito, mitos e fatos: Mulheres e Gênero na Bahia. Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1997. p.103-120 (*Coleção Bahianas, 1*)

⁶⁰ Faço uso de uma expressão de Alda Brito da Motta (2000), no título de dos artigos da Coleção Bahianas, “À Simone com Carinho”

⁶¹ Saudações Feministas! Expressão também utilizada por Ana Alice Alcântara Costa e Cecília Sardenberg (2002) na apresentação do volume 8 da Coleção Bahianas.

_____. A Simone, com carinho. BRITTO DA MOTTA, Alda ; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.p.143- 152 (**Bahianas 5**).

_____; SARDENBERG, Cecília M. B.; GOMES, Márcia (orgs). Um diálogo com Simone Beauvoir e outras falas. Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2000. 338 p. (**Coleção Bahianas, 5**) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

_____. Pesquisa e relações em campo – subjetividades de gênero e de geração. IN: BRITTO DA MOTTA, Alda; AZEVEDO, Eulália ; GOMES, Márcia Queiroz de Carvalho (orgs). Reparando a falta: Dinâmica de gênero na perspectiva geracional. Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2005 . p 11-2(Coleção Bahianas,10)

_____; AZEVEDO, Eulália ; GOMES, Márcia Queiroz de Carvalho (orgs). Reparando a falta :Dinâmica de gênero na perspectiva geracional. Salvador. UFBA/NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher), 2005. 216 p. (**Coleção Bahianas,10**) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

_____. Revisitando o par relutante. IN:ALVES, Ivya Alves; SCHEFLER, Maria de Lourdes, VASQUEZ, Petilda Serva e AQUINO , Sílvia de . (orgs.). Travessias de gênero na perspectiva feminista. Salvador. EDUFBA/NEIM, 2010. p.169-182. (**Coleção Bahianas, 12**)

BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle; UNBEHAUM, Sandra G. **Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Ed. 34, 1998.

CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974 **Rev. Estudos Feministas**. v.12 no. especial. Florianópolis set./dez. 2004 (Feminismos No Brasil)

CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo, **Cadernos Pagú**, São Paulo, n. 15, 2000.

COSTA. Albertina De Oliveira. Revista Estudos Feministas: Primeira fase, locação Rio de Janeiro. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(N.E.): 205-210, setembro-dezembro/2004

COSTA, Ana Alice Alcântara. O feminismo e a consciência de gênero entre vereadoras baianas. IN: COSTA, Ana Alice A. e ALVES, Ivya Alves. Salvador: NEIM/UFBA, 1997. (**Coleção Bahianas,1**). 1997. p. 63-78.

_____. COSTA, Ana Alice Alcântara. As Donas do Poder: Mulheres e Políticas na Bahia. Salvador. UFBA/Assembléia Legislativa de Bahia .1998. 248p. (**Coleção Bahianas, 2**) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

_____. Lili Tosta e os fundamentos do feminismo baiano. In. SILVA, Ma. Dulce e NERY, Inez (org). **Cenários e personagens plurais. Teresina: Redor/ O Povo**. 2002.Pp.276-293

_____. O feminismo brasileiro em tempos de Ditadura Militar. **Labrys. Estudos feministas**. Dez 2009. <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys15/ditadura/analice.htm>

_____. COSTA, Ana Alice Alcântara (org.). Estudos de Gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano. Salvador. UFBA/NEIM- Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2011. 338p. (**Coleção Bahianas, 13**) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

_____; ALVES, Ivya Iracema. Rito, mitos e fatos: Mulheres e Gênero na Bahia. . Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1997. 206 p. (**Coleção Bahianas, 1**) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

_____. BRANDÃO, Jaciara Sena. A Federação Bahiana pelo Progresso Feminino no Contexto da Revolução de 1930. In. BRITTO DA MOTTA, A.; SARDENBERG, C. e GOMES, M. (orgs). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. (**Coleção Bahianas, 5**). Salvador: NEIM/UFBA. 2000. P.153-166 <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/simone.pdf>

_____; PINHEIRO Clarice Costa; desafios da linguagem no diálogo dos estudos feministas com os movimentos sociais **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(2): 617-624, maio-agosto/2013

_____; SARDENBERG, Cecília. “Teoria e práxis feministas na Academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras”. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, número especial, p. 387-400, 1994.

_____; SARDENBERG, Cecília M. B. ; (orgs). Feminismo, Ciência e Tecnologia. Salvador. REDOR/NEIM/FFCH/ UFBA. 2002 320p. (**Coleção Bahianas, 8**) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

- COSTA, Cláudia de Lima. As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo. **Revista Estudos Feministas**, v.11, n.1, p. 254-64, jan-jun 2003.
- CURRÁS, Emília. **Tesouros, linguagens terminológicas**. Brasília: IBICT, 1995.
- DAGENAIS, Huguette. A Institucionalização dos Estudos Feministas na Universidade no Quebec. **Estudos Feministas**, N. Especial./Ano 2 1994 P. 431-440
- DE BARBIERI, Teresita. Acerca de las propostas metodológicas feministas IN: BARTRA, Elí (ORG). **Debates en torno a una metodología feminista**. Universidad Autonoma Metropolitana. Unidad Xochimilca. México: 1998 pp.103-40.
- DINIZ, Débora; FOLTRAN, Paula. Gênero e feminismo no Brasil uma análise da revista estudos feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12 (N.E.): setembro-dezembro/2004. 245-253 p.
- DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.
- FAUSTO-STERLING, Anne Dualismos em Duelo. **Cadernos PAGU**, No. 17/18, 2001/02, pp.9-80. [http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2001\(17-18\)/Fausto_Sterling.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/2001(17-18)/Fausto_Sterling.pdf)
- FERREIRA, Silvia Lúcia; ALVES, Ivia; COSTA, Ana Alice Alcântara (orgs). **Construindo interdisciplinaridades: Estudo de Gênero na Bahia**. Salvador. UFBA/NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008. 238p. (**Coleção Bahianas**, 11) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014
- FERREIRA, Silvia Lúcia, NASCIMENTO. Enilda Rosendo do; PAIVA Miriam Santos. O pensamento feminista e os estudos de gênero : experiências na Escola de enfermagem da UFBA. (Org.). - Salvador : EDUFBA : NEIM- Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher., 2012. 160 p.. - (**Coleção Bahianas**,15) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014
- GERGEN, Kenneth J. A crítica feminista da ciência e o desafio da epistemologia social. In: GERGEN, Mary McCanney (Ed.). **O Pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: EDUNB, 1993.
- GROSSI, Miriam Pillar. A Revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil. **Rev. Estud. Fem.** vol.12 no.spe Florianópolis Sept./Dec. 2004
- HARAWAY, Donna, “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, **Cadernos Pagu**, (5), 1995, p.07-42.
<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/31102009-083336haraway.pdf>
- HARDING Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, ano 1, 1º sem. 1993.<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/REF/v1n1/Harding.pdf>
- _____. “Rethinking Standpoint Epistemology: What is Strong Objectivity?”.
IN: KELLER, Evelyn Fox & LONGINO, Helen E, (eds.), **Feminism & Science**, Oxford: Oxford University Press, 1996, pp. 235-248.
- _____. (Ed.). *The feminist standpoint theory reader: intellectual and political controversies*. New York: Routledge, 2004.
- _____. “Gênero, democracia e filosofia da Ciência”. **RECIIS – Rev. Eletr. De Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.163-168, jan.-jun., 2007
- HARSTOCK, Nancy. “The Feminist Standpoint: developing the ground for a specifically feminist historical materialism”. IN: S. Harding (ed.), **Feminism & Methodology**. Bloomington, Indiana: Indiana: Open University Press, 1987, pp.: 157-180.
- JAGGAR, Alison; BORDO Susan R (Org.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- JESUS, Jerocir Botelho Marques de. **Tesouro: um instrumento de representação do conhecimento em sistemas de recuperação da informação**. Recife, 2002.
- KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência?. In: LOPES, Maria Margareth (Org.). **Cadernos Pagu: Ciência, Substantivo Feminino Plural**, Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero, Universidade Estadual de Campinas, n. 27, p. 13-34, jul./dez. 2006.
- LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Acessibilidade da informação na pesquisa científica em processo. Ciência da Informação**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 109-117, 1975. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciainformacao/index.php/ciinf/article/viewFile/1617/1431>>. Acesso em: 02 jul. 2014.
- LIMA, Nadia Regina Loureiro de Barros. As mulheres nas ciências: o desafio de uma passagem...a passagem do privado para o público. IN: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília M. B. ; (orgs). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador. REDOR/NEIM/FFCH/ UFBA. 2002. p.51-66 (**Coleção Bahianas**, 8)

- LIMA e SOUZA, Ângela Maria Freire de. O viés androcêntrico em biologia. COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília M. B.; (orgs). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador. REDOR/NEIM/FFCH/ UFBA. 2002. p.77-88 (**Coleção Bahianas, 8**)
- LIMA e SOUZA, Ângela Maria Freire de. Sobre gênero e ciência tensões, avanços, desafios. BONNETI, Alinne; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e (org.). *Gênero, mulheres e feminismos - BONNETI, Alinne; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e (org.). Gênero, mulheres e feminismos - Salvador: EDUFBA: NEIM, 2011p. 15-28. (Coleção Bahianas; 14)*
- LOPES, Maria Margaret. "Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade". **Cadernos Pagu**, Vol. 27, julho-dezembro 2006, p.: 36-61.
- _____. e PISCITELLI, Adriana. *Revistas Científicas e a Constituição do Campo de Estudos de Gênero: um Olhar desde as "Margens"*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(N.E.): 115-121, setembro-dezembro/2004
- LÖWY, Ilona, *Universalidade da ciência e conhecimentos "situados"*. **Cadernos Pagu gênero, ciência, história**, São Paulo, n. 15, 2000.
- MAFFIA, Crítica Feminista à Ciência. IN. COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília M. B.; (orgs). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador. REDOR/NEIM/FFCH/ UFBA. 2002 320p. (**Coleção Bahianas, 8**)
- MELO, Hildete Pereira de. *A Revista Gênero/UFF: fazendo "ciências" na militância*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(2): maio-agosto/2013. p.606-615
- _____. LASTRES, Helena Maria Martins, MARWUES, Teresa Cristina de Novaes. *Gênero no Sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil*. **Gênero**, V.4, No.2, 2004, pp.:73-94 http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/02112009010012_melolastresmarques.pdf
- _____. e OLIVEIRA, André Barbosa. *A produção científica brasileira no feminino*. **Cad. Pagu** [online]. 2006, n.27, pp. 301-331. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332006000200012>.
- MINELLA, Luzinete Simões. *Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?* **Cadernos Pagu** (40), janeiro-junho de 2013:95-140.
- _____, GROSSI, Miriam Pillar; RAMOS, Carmem Vera Gonçalves Vieira, LOSSO, Juliana Cavilha Mendes. *Feminismos e publicações: pulsações de teorias e movimentos*. **Rev. Estud. Fem.** v.12 n. Especial. Florianópolis set./dez. 2004 (Editorial)
- MOHANTY, Chandra T. *Bajo los ojos de Occidente: academia feminista y discursos coloniales*, en Suárez Navaz, L. y Hernández, R. (eds.) **Descolonizando el feminismo. Teorías y prácticas desde los márgenes**, Cátedra, Madrid, 2008. <http://webs.uvigo.es/pmayobre/textos/varios/descolonizando.pdf>
- _____. *Under western eyes: feminist scholarship and colonial discourses*. In: MUFTI, Aamir; SHOHAT, Ella (eds.). **Dangerous liaisons: gender, nation and postcolonial perspectives**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. p. 255-277.
- NAVARRO, Marysa. *Publicações acadêmicas feministas no contexto norte-americano*. **Revista Estudos Feministas**, v.12 n. especial. Florianópolis, set./dez. 2004 (Feminismos No Exterior)
- PASSOS, Elizete Silva. *Palcos e Platéias - as representações de gênero na Faculdade de Filosofia*. Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. 1999 222p. (**Coleção Bahianas, 4**) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014
- PEDRO, Joana Maria. *Militância feminista e academia: sobrevivência e trabalho voluntário*. Seção Especial Revista Estudos Feministas 15 Anos. **Rev. Estud. Fem.** vol.16 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2008.
- SANTOS, Maria Cecília Mac Dowell dos. *Quem pode falar, onde e como? Uma conversa 'não inocente' com Donna Haraway*. IN: **Cadernos PAGU** (5), 1995, p.:43-72. <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/31102009-080409santos.pdf>
- SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar e COSTA, Ana Alice. *Feminismos e Feministas*. **Revista Baiana de Enfermagem**. Salvador, V. 6, n. 2, Pp. 5-29. out. 1993
- _____. *Da Crítica Feminista à Ciência. Uma Ciência Feminista?*. In: COSTA, Ana Alice Alcântara & SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar (Orgs.). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*, Salvador: **Coleção Bahianas**, 2002. Disponível: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismociencia.pdf>
- _____. **Programa da disciplina: Teorias Feministas II. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - PPG/NEIM. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM.** Universidade Federal da Bahia. 2014 .2. Página do Curso no Facebook: <https://www.facebook.com/groups/341167849372117/>. Acesso em 05/08/2014
- _____. *Ana Alice Alcântara Costa: "guerreira e forte para todo o sempre"*. (1951-2014). In *Memoriam*. **Rev.**

Estud. Fem. vol.23 no.1. Florianópolis jan./abr. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n1p/151>

_____; COSTA, Ana Alice Alcântara. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Maria Luiza; BINGEMER, Maria Clara (Org.). **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Loyola, 1994a.

_____; COSTA, Ana Alice Alcântara. A institucionalização dos estudos feministas dentro das Universidades. Teoria e práxis feminista na acadêmica: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, p. 387-400, 1994b. Volume especial.

_____; VANIN, Iole Macedo; ARAS, Lina M.B. de. (orgs). Fazendo gênero na historiografia baiana. Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2001. 199 p. (Coleção Bahianas, 6) Disponível em:

<http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru - SP, EDUSC, 2001. p.384.

SCHMIDT, Simone Pereira. Como e por que somos feministas. **Rev. Estud. Fem.** v.12 n.especial Florianópolis set./dez. 2004(Feminismos No Brasil)

_____. Teorias feministas e suas 'ligações perigosas': do pós-moderno ao pós-colonial. Comunicação apresentada no **VIII Congresso Internacional da ABRALIC**. Belo Horizonte, 2002.

SERDEÑO, Eulalia P. Institucionalización de la ciencia, valores epistémicos y contextuales: um caso exemplar. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 15, 2000.

SILVA, Elizabeth Bortolaia. Des-construindo gênero em ciência e tecnologia. **Cadernos PAGU**, São Paulo, n. 10, p. 7-20, 1998.

VANIN, Iole Macedo. O Instituto de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo/INEIM na Universidade Federal da Bahia: um relato das possibilidades de experiências transversais de gênero no ensino superior. IN: ALVES, Ivya Alves; SCHEFLER, Maria de Lourdes, VASQUEZ, Petilda Serva e AQUINO, Silvia de . (orgs.). Travessias de gênero na perspectiva feminista. Salvador. EDUFBA/NEIM, 2010. 330p. p.75-88. (Coleção Bahianas, 12)

VARGAS, Dóris Fraga; VAN DER LANN Regina Helena A contribuição da terminologia na construção de linguagens documentárias como os tesauros BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Vol 25, p. 21-34 (2011)

<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/1988/1224>

YANNOULAS, Silvia Cristina; LIMA E SOUZA, Ângela M. F. Argumentos alrededor del cajón: sobre

políticas afirmativas de gênero y meritocracia en el mundo científico. In: Congreso Internacional Las Políticas de Equidad de Género en Prospectiva – *Nuevos escenarios, actores y articulaciones*. FLACSO – Argentina, Buenos Aires, nov. 2010. p. 403-16. Disponível em:

<http://www.prigepp.org/congreso/documentos/ponencias/2_Silvia_Yannoulas.pdf>.

Bibliografia dos volumes da Coleção Bahianas

COSTA, Ana Alice Alcântara; ALVES, Ivya Iracema. Rito, mitos e fatos: Mulheres e Gênero na Bahia. . Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1997. 206 p. (Coleção Bahianas, 1) Disponível em:

<http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

COSTA, Ana Alice Alcântara. As Donas do Poder: Mulheres e Políticas na Bahia. . Salvador. UFBA/Assembléia Legislativa de Bahia .1998 248p. (Coleção Bahianas, 2) Disponível em:

<http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

PASSOS, Elizete; ALVES, Ivya ; MACÊDO, Márcia (orgs) *Metamórfoses: Gênero na perspectiva interdisciplinar*. . Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher,1998. 283p. (Coleção Bahianas, 3) Disponível em:

<http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

PASSOS, Elizete Silva . *Palcos e Platéias - as representações de gênero na Faculdade de Filosofia* . Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. 1999 222p. (Coleção Bahianas, 4) Disponível em:

<http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

BRITTO DA MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília M. B. ; GOMES, Márcia (orgs). Um dialogo com Simone Beauvoir e outras falas. . Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2000. 338 p. (Coleção Bahianas, 5) Disponível em:

<http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

SARDENBERG, Cecília M. B. ; VANIN, Iole Macedo; ARAS, Lina M.B. de. (orgs). Fazendo gênero na historiografia baiana. . Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2001. 199 p. (Coleção Bahianas, 6) Disponível em:

<http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

FERREIRA, Silvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda R. do (ogs). *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*. Salvador. UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2002. 268 p. (Coleção Bahianas, 7) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília M. B. ; (orgs). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador. REDOR/NEIM/FFCH/ UFBA. 2002 320p. (Coleção Bahianas, 8) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

SARDENBERG, Cecília M. B. ; FERREIRA, Silvia Lúcia; COSTA, Ana Alice Alcântara (orgs). *A face feminina do complexo metal-mecânico: mulheres metalúrgicas no Nordeste*. Salvador. UFBA/FFCH/NEIM- Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, REDOR; São Paulo: CNM/CUT, 2004 .140 p. (Coleção Bahianas, 9) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

BRITTO DA MOTTA, Alda Britto da; AZEVEDO, Eulália ; GOMES, Márcia Queiroz de Carvalho (orgs). *Reparando a falta :Dinâmica de gênero na perspectiva geracional*. Salvador. UFBA/NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher), 2005. 216 p. (Coleção Bahianas,10) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

FERREIRA, Silvia Lúcia; ALVES, Ivia; COSTA, Ana Alice Alcântara (orgs). *Construindo interdisciplinaridades: Estudo de Gênero na Bahia*. Salvador. UFBA/NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008. 238p. (Coleção Bahianas, 11) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

ALVES, Ivia Alves; SCHEFLER, Maria de Lourdes, VASQUEZ, Petilda Serva e AQUINO , Silvia de . (orgs.). *Travessias de gênero na perspectiva feminista*. Salvador. EDUFBA/NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2010. 330p. (Coleção Bahianas, 12) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

COSTA, Ana Alice Alcântara (org.). *Estudos de Gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano*. Salvador. UFBA/NEIM- Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher,, 2011. 338p. (Coleção Bahianas, 13) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

BONNETI, Alinne ; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e (org.). *Gênero, mulheres e feminismos - Salvador* : EDUFBA : NEIM, 2011. 346 p. - (Coleção Bahianas ; 14) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

FERREIRA, Silvia Lúcia, NASCIMENTO. Enilda Rosendo do; PAIVA Miriam Santos. *O pensamento feminista e os estudos de gênero : experiências na Escola de enfermagem da UFBA*. (Org.). - Salvador : EDUFBA : NEIM- Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher,, 2012. 160 p.. - (Coleção Bahianas ; v.15) Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/publicacoes/>. Acesso: 15 ago 2014

LIMA e SOUZA, Angela Maria Freire de; ARAS, Lina Brandão de (orgs). *Mulheres e Movimentos: Estudos Interdisciplinares de Gênero*. Salvador: EDUFBA: NEIM, 2014. 274 p. (Coleção Bahianas; v. 16). (LIMA e SOUZA; ARAS, 2014) (Coleção Bahianas; v. 16).